

Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física

Unidade de Ibirité

2016

Estrutura administrativa da UEMG

REITOR

Dijon Moraes Júnior

VICE-REITOR

José Eustáquio de Brito

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Cristiane Silva França

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Terezinha Abreu Gontijo

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Gisele Hissa Safar

PRÓ-REITOR DE GESTÃO, PLANEJAMENTO E FINANÇAS

Adailton Vieira Pereira

COORDENADORA DE GRADUAÇÃO

Cristiane Carla Costa

DIRETOR (A) DA UNIDADE ACADÊMICA

Elizabeth Dias Munaier Lages

VICE-DIRETOR (A) DA UNIDADE ACADÊMICA

Tatiana Maciel Gontijo de Carvalho

COORDENADOR (A) DO CURSO

Luciano Silveira Coelho

VICE-COORDENADOR (A) DO CURSO

Ingrid Ludimila Bastos Lôbo

Comissão de Coordenação da Revisão e Acompanhamento Curricular do curso de Educação Física

REPRESENTANTE DA COORDENAÇÃO DO COLEGIADO

Luciano Silveira Coelho

REPRESENTANTES DO CORPO DOCENTE

João Roberto Ventura de Oliveira

Juliana Bohnen Guimarães

Matheus Batista dos Reis

Natália Murta de Lima Dornelas

Roberto Camargos Malcher Kanitz

Sheylazarth Presciliana Ribeiro

REPRESENTANTE DO CORPO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

Josiane Antônio Teixeira Damacena

Núcleo Docente Estruturante do curso de Educação Física

Camila Cristina Fonseca Bicalho

Cássia Danielle Monteiro Dias Lima

Juliana Bohnen Guimarães

Luciano Silveira Coelho

Marcos Gonçalves Maciel

Dados de Identificação da Universidade

Instituição de Ensino Superior: Universidade do Estado de Minas Gerais

Natureza jurídica: Autarquia Estadual

Representante legal – Reitor: Dijon Moraes Júnior

Endereço da sede e Reitoria: Rodovia Papa João Paulo II, 4143 - Ed. Minas - 8º andar - Cidade Administrativa Presidente Tancredo Neves - Bairro Serra Verde - Belo Horizonte - MG - CEP: 31.630-900 - Tel: +55 (31) 3916-0471.

CNPJ: 65.172.579/0001-15

Ato de criação: Art.81 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Mineira de 1989.

Ato regulatório de credenciamento: Lei Estadual 11539 de 23 de julho de 1994.

Ato regulatório de renovação de credenciamento: Decreto 281 de 10 de agosto de 2015.

Ato regulatório de credenciamento para oferta de cursos a distância: Portaria nº 1.369, de 7 de dezembro de 2010.

Dados de identificação do curso

Instituição de Ensino Superior: Universidade do Estado de Minas Gerais

Unidade Acadêmica: Ibirité

Esfera administrativa: Estadual

Curso: Educação Física

Modalidade do curso: Licenciatura

Turnos de funcionamento: Manhã e Noite

Tempo de integralização do curso:

- **Mínimo:** 8 semestres

- **Máximo:** 14 semestres

Número de vagas autorizadas: 160 vagas (40 vagas para o turno manhã no 1º Semestre, 40 vagas para o turno Noite no 1º Semestre, 40 vagas para o turno Manhã no 2º Semestre e 40 vagas para o turno Noite no 2º Semestre).

Carga horária total do curso: 3315 horas

Formas de ingresso: Vestibular, Sistema de seleção unificado - SISU, transferência e obtenção de novo título.

Semestre letivo: Composto por 18 (dezoito) semanas com até 6 (seis) dias letivos por semana e carga horária semanal de 24hs/aula (20hs/relógio)

Início de funcionamento: Fevereiro de 2003

Ato legal de autorização do curso: Decreto Estadual Nº 41.733 de 25 de junho de 2001

Ato legal de renovação de reconhecimento: Decreto NE nº 287 de 16/06/2014, publicado em 17/6/2014.

Município de implantação: Ibirité

Endereço de funcionamento do curso: Av. São Paulo, 3996, Vila Rosário, Ibirité, Minas Gerais.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	8
2. CONTEXTUALIZAÇÃO	9
2.1. HISTÓRICO DA UEMG	9
2.2. HISTÓRICO DA UNIDADE	11
2.3. JUSTIFICATIVA DO CURSO	13
2.4. LEGISLAÇÃO	15
3. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA	16
3.1. CONCEPÇÃO DO CURSO	16
3.2 OBJETIVOS DO CURSO	19
3.2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	19
3.3. PERFIL DO EGRESSO	21
4. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	22
4.1. ARTICULAÇÃO ENTRE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO	26
4.2. DISCIPLINAS CURRICULARES	29
4.3. ATIVIDADES TEÓRICO - PRÁTICAS DE APROFUNDAMENTO	35
4.4. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO	37
4.5. PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR	42
4.6. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	44
4.7. ESTRUTURA CURRICULAR	46
4.8. EMENTÁRIO	54
4.8.1 OPTATIVAS	103
5. METODOLOGIA DE ENSINO	122
6. AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DISCENTE	123
7. ATENDIMENTO AO ESTUDANTE	126
8. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE	127
9. COLEGIADO DE CURSO	128
10. INFRAESTRUTURA	129
10.1 BIBLIOTECA	132

10.2 LABORATÓRIOS

133

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

134

ANEXOS

ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

1. Apresentação

A humanidade ocidental produziu, ao longo de sua história, diversas práticas corporais com sentidos e significados distintos. Sistemas de lutas, danças rituais, jogos e brincadeiras fazem parte da cultura de todos os povos. Entretanto, após a dupla revolução no continente europeu, no século XVII, houve um processo de sistematização dessas práticas corporais em métodos ginásticos e na construção de práticas esportivas. Tal sistematização produziu outros sentidos e significados prenunciaram a Educação Física como é conhecida hoje.

O campo da Educação Física reúne diversos saberes relativos ao corpo: no exercício, nas práticas de divertimento e de lazer, na preparação e no treinamento de atletas, nos diversos níveis de condições físicas e psicológicas, nas práticas organizada, nos inúmeros projetos sociais e, especialmente, no conjunto de saberes que mobilizam e organizam sua intervenção na escola.

O grupo de professores e professoras da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité construíram, coletivamente, um projeto político pedagógico pensando em uma formação de forma ampliada. Buscou-se fornecer um protagonismo na dinâmica escolar, prerrogativa de uma licenciatura, mas sem esquecer os diversos espaços educativos que compõem o grande campo da Educação Física.

Este projeto também foi arquitetado em sintonia com as últimas diretrizes para os cursos de formação em Educação Física e se insere no movimento de atendimento a um conjunto de demandas crescentes, acerca da presença do professor de Educação Física em diferentes espaços e ambientes educativos na cidade de Ibirité, bem como em toda a região metropolitana de Belo Horizonte.

2. Contextualização

Este capítulo apresenta um panorama histórico da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, da realidade econômica, social e educacional na qual a Unidade Acadêmica está inserida e sua contribuição para o desenvolvimento regional, articulada com a justificativa de oferta do curso.

2.1. Histórico da UEMG

Uma análise dos 27 anos de sua criação permite afirmar que a Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG representa, hoje, uma alternativa concreta e rica de aproximação do Estado mineiro com suas regiões, por acolher e apoiar a população de Minas onde vivem e produzem. Por sua vocação, tem sido agente do setor público junto às comunidades, colaborando na solução de seus problemas, por meio da realização do tripé ensino, pesquisa e extensão, e na formatação e implementação de seus projetos de desenvolvimento.

Para se firmar no contexto do Ensino Superior no Estado e buscando estar presente em suas mais distintas regiões, a UEMG adota um modelo *multicampi*, se constituindo não apenas como uma alternativa aos modelos convencionais de instituição de ensino, mas também como força política e social para o desenvolvimento regional. A Universidade apresenta uma configuração ao mesmo tempo, global e regional. Ela se diferencia das demais pelo seu compromisso com o Estado de Minas Gerais e com as regiões nas quais se insere em parceria com o Governo do Estado, com os municípios e com empresas públicas e privadas. Compromisso este apresentado em um breve histórico da formação de suas Unidades acadêmicas.

A UEMG foi criada em 1989, mediante determinação expressa no Art. 81 do “Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT” da Constituição do Estado de Minas Gerais e a sua estrutura foi regulamentada pela Lei nº 11.539, de 22 de julho de 1994, que a definiu como uma autarquia de regime especial,

pessoa jurídica de direito público, com sede e foro em Belo Horizonte, com autonomia didático-científica, administrativa e disciplinar, incluída a gestão financeira e patrimonial. Está vinculada à Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior – SECTES, à qual compete formular e implementar políticas públicas que assegurem o desenvolvimento científico e tecnológico, a inovação e o ensino superior.

O Campus de Belo Horizonte teve sua estrutura definida pela mesma Lei nº 11.539/1994, que autorizou a incorporação à UEMG da Fundação Mineira de Arte Aleijadinho – FUMA, hoje transformada em duas escolas: Música e Design; a Fundação Escola Guignard; o curso de Pedagogia do Instituto de Educação, que foi transformado na Faculdade de Educação. Compõe o Campus Belo Horizonte ainda, a Faculdade de Políticas Públicas Tancredo Neves – FaPP, criada pela Resolução CONUN/UEMG Nº 78, de 10 de setembro de 2005, com vistas a contribuir para a consolidação do compromisso da UEMG relativo ao desenvolvimento de projetos de expansão e diversificação dos cursos oferecidos e, para a ampliação do acesso ao ensino superior no Estado.

No interior de Minas Gerais, a UEMG realizou, em convênio com prefeituras municipais, a instalação do curso de Pedagogia fora de sede em Poços de Caldas e das Unidades Acadêmicas em Barbacena, Frutal, João Monlevade, Leopoldina e Ubá com a oferta de cursos que buscam contribuir para a formação de profissionais e para a produção e difusão de conhecimentos, que reflitam os problemas, as potencialidades e as peculiaridades de diferentes regiões do Estado, com vistas à integração e ao desenvolvimento regional.

Em 2010, a Universidade realizou seu credenciamento junto ao Ministério da Educação, através da Portaria nº 1.369 de 07 de dezembro de 2010, para oferta de cursos de Educação à Distância. Esse credenciamento se consolidou com sua inserção na Universidade Aberta do Brasil – UAB, ofertando Cursos de Aperfeiçoamento, Graduação e Especialização na modalidade à distância.

Mais recentemente, por meio da Lei nº 20.807, de 26 de julho de 2013, foi prevista a estadualização das fundações educacionais de ensino superior

associadas à UEMG, de que trata o inciso I do § 2º do art. 129 do ADCT, a saber: Fundação Educacional de Carangola, na cidade de Carangola; Fundação Educacional do Vale do Jequitinhonha, em Diamantina; Fundação de Ensino Superior de Passos, na cidade de Passos; Fundação Educacional de Ituiutaba, no município de Ituiutaba; Fundação Cultural Campanha da Princesa, em Campanha e Fundação Educacional de Divinópolis, na cidade de Divinópolis; bem como os cursos de ensino superior mantidos pela Fundação Helena Antipoff, no município de Ibirité.

Finalizado o processo de estadualização, a UEMG assumiu posição de destaque no cenário educacional do Estado, com presença em 14 Territórios de Desenvolvimento, sendo 17 municípios com cursos presenciais e 7 polos de Educação à Distância, comprometida com sua missão de promover o Ensino, a Pesquisa e a Extensão de modo a contribuir para a formação de cidadãos comprometidos com o desenvolvimento e a integração dos setores da sociedade e das regiões do Estado.

2.2. Histórico da Unidade

A transformação do Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira (ISEAT) em Unidade Acadêmica da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) foi fruto de uma construção coletiva, com a participação de inúmeros atores que, contribuíram para a consolidação de uma instituição que se constitui como referência na formação de professores para a educação básica.

Criada em 2001, esta Instituição transformou-se, no ano de 2013, em unidade da UEMG, com a responsabilidade de continuar elevando os indicadores acadêmicos desta Universidade. Desde sua criação, o ISEAT buscou formar educadores comprometidos com as questões éticas, cidadania e conhecimentos científicos que visavam à melhoria das condições sociais, culturais e econômicas do município de Ibirité e demais cidades da região metropolitana.

O objetivo do ISEAT de formar professores para atuar na educação básica esteve em consonância com a missão da UEMG de promover o ensino, pesquisa e a extensão de modo a contribuir para a formação de cidadãos

comprometidos com o desenvolvimento e a integração dos setores da sociedade e regiões do estado. Dentre as finalidades do ISEAT, destacavam-se:

- Ampliar a oportunidade de acesso à educação superior, principalmente das camadas populares.
- Estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- Incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- Promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;
- Estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os locais, regionais e nacionais e, contribuir com o desenvolvimento da comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;
- Promover o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão que dialoguem com realidade econômica, cultural e com as situações cotidianas das escolas da rede pública de ensino.

A oferta de cursos do Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira abrangia cursos de licenciaturas, em diferentes áreas do conhecimento. O processo seletivo era realizado anualmente. Em 2014, o ISEAT aderiu ao Sistema de Seleção Unificado do Governo Federal (SISU) com 50% das vagas ofertadas no processo seletivo anual para os seus cinco cursos de graduação. Conforme informações disponíveis no site da Universidade, o SISU é um sistema do Ministério da Educação pelo qual as Instituições de Educação Superior podem selecionar estudantes com base no desempenho obtido no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM).

Cursos ofertados				
Curso	Modalidade	Vagas Anuais	Turno	Início do funcionamento
Ciências Biológicas	Presencial	80	Manhã	Março/2005
Educação Física	Presencial	160	Manhã	Fevereiro/2003
			Noite	
Letras	Presencial	80	Noite	Abril/2007
Matemática	Presencial	80	Noite	Dezembro/2003
Pedagogia	Presencial	160	Manhã	Junho/2001

2.3. Justificativa do curso

A Universidade Pública apresenta-se como um importante patrimônio social, sendo caracterizada pela universalidade na produção de conhecimento e pela transmissão da experiência cultural e científica da sociedade. A condição básica para o desenvolvimento desta representatividade é sua capacidade de assegurar uma produção de conhecimento inovador e crítico, que respeite a diversidade e o pluralismo, contribuindo para a transformação da sociedade.

Um curso de licenciatura em Educação Física, nesta perspectiva, além de fortalecer as práticas docentes na escola, também pode oferecer oportunidades para a formação direcionada para outros espaços sociais. Desta maneira, segundo Bracht (1996), o movimentar-se pode ser entendido como uma forma de comunicação com o mundo que é constituinte e construtor de cultura. O que qualifica o movimento enquanto humano é o sentido e o significado do mover-se, mediado simbolicamente colocando-o no plano da cultura.

Sendo assim, nesse constante exercício de pensar (e repensar) práticas corporais em espaços educativos, forma-se o campo da Educação Física. Todavia, esta atuação precisa ser problematizada constantemente através de

projetos de pesquisa e de extensão. Um curso de licenciatura em Educação Física, oferecido por uma Universidade Pública, na região metropolitana de Belo Horizonte, possui fundamental relevância para que o conhecimento da área seja constantemente revisitado e problematizado, e para que se qualifiquem, na perspectiva da formação, docentes para atuarem nos diversos campos da Educação Física.

Um professor bem formado e consciente de sua função social pode alavancar mudanças significativas na comunidade onde atua e por isso o processo formativo deve priorizar a excelência no ensino, pesquisa, extensão e o constante diálogo com os campos de atuação. Tendo em vista que a diplomação é uma forma de ingresso no mercado de trabalho e, para alguns, uma alteração no status social, temos a responsabilidade de formar professores capazes de atuar com grupos distintos e minorias sociais, capazes de solidarizar com o outro e de se posicionar contrário a qualquer forma de preconceito e discriminação. Para tanto, é necessário que, ao longo do curso, os alunos tenham ciência da realidade que os espera nas diversas possibilidades de atuação profissional.

A procura pela formação na modalidade licenciatura em Educação Física pela UEMG/Unidade Ibirité mais que dobrou levando-se em conta os processos seletivos realizados para as entradas nos anos de 2015 e 2016:

Turno	2015	2016
Matutino	1,63	4,30
Noturno	3,51	8,85

Fonte: <http://www.uemg.br/arquivos/2016/pdf/PS2016CandidatoVaga.pdf>

Esse fator aumenta a responsabilidade dessa instituição e também legitima o trabalho realizado pelos docentes e demais servidores da UEMG/Unidade Ibirité.

2.4. Legislação

Os cursos superiores do ISEAT, ao serem incorporados à Universidade do Estado de Minas Gerais, precisaram adequar seus projetos políticos pedagógicos ao Estatuto e Regimento desta universidade. Além disso, em 2015, as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Licenciatura (RESOLUÇÃO Nº 2, DE 1º DE JULHO DE 2015) estabeleceram novos parâmetros para os cursos de formação de professores que deverão vigorar partir de 2017.

Em atendimento a esta Resolução o presente Projeto Político-Pedagógico pautou-se na legislação pertinente ao curso, considerando, as disposições contidas: **RESOLUÇÃO CNE/CES nº 7/2004**, e sua alteração feita pela Resolução CNE/CES nº 7/2007, que institui as diretrizes para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena; **RESOLUÇÃO CNE/CP nº 2/2015**, que define as diretrizes para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada; **RESOLUÇÃO COEPE/UEMG nº 132/2013**, que regulamenta a implantação do regime de matrícula por disciplina nos Cursos de Graduação da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG e os procedimentos e limites para matrícula; **RESOLUÇÃO COEPE/UEMG nº 162/2016**, que institui o Núcleo Docente Estruturante no âmbito dos Cursos de Graduação da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG; **REGIMENTO GERAL** da UEMG; **RESOLUÇÃO CEE/MG nº 459/13**, que consolida normas relativas à educação superior do Sistema Estadual de Ensino de Minas Gerais e dá outras providências; **RESOLUÇÃO CNE/CP nº 01/04**, que estabelece diretrizes para educação das relações étnico-raciais; **RESOLUÇÃO CNE/CP nº 01/12**, que estabelece diretrizes para educação em direitos humanos e a **RESOLUÇÃO CNE/CP nº 02/12**, que estabelece as diretrizes para educação ambiental; **DECRETO nº 5.626 de 2005**, Implantação do ensino de língua de sinais – LIBRAS em todos os cursos de formação de professores; **PORTARIA nº 4.059/2004**; **RESOLUÇÃO CNE/CES nº 3/2007**,

dispõe sobre procedimentos a serem adotados quanto ao conceito de hora/aula, e dá outras providências.

3. Organização didático-pedagógica

Este capítulo apresenta a organização didática pedagógica do curso articulada às diretrizes curriculares e demais legislações pertinentes, buscando atender o perfil do egresso que se pretende formar e os objetivos e concepção do curso.

3.1. Concepção do curso

Uma sociedade de contradições está colocada. Convive-se com avanços tecnológicos e científicos concomitante a situações de misérias representadas pela falta de acesso a direitos humanos básicos em níveis globais. O Brasil, atualmente, vive por um lado uma série de organizações civis solicitando direitos negados historicamente (negros, LGBTTT, aidéticos, pessoas com deficiência, índios, ciganos, quilombolas, pessoa idosa, mulheres etc.); e, por outro, grupos organizados politicamente que tentam encontrar formas de diminuir o acesso aos direitos adquiridos.

No campo da educação, essas contradições permanecem, os discursos da valorização do professor coexistem com ações políticas que tem como finalidade a proletarização dos professores e professoras. Segundo Contreras (2012), a proletarização dos professores se relaciona à perda daquelas qualidades que faziam deles profissionais e, ainda, a deterioração de trabalho nos quais esses sujeitos depositavam suas esperanças de alcançar o status de profissional. A perda de esperança na docência é uma sombra na formação profissional das licenciaturas que também é contraditória.

Em uma pesquisa interna sobre a formação docente, realizada pelos docentes da Comissão¹ para subsidiar a construção deste documento,

¹ Comissão de Coordenação da Revisão e Acompanhamento Curricular do curso de Educação Física

percebeu-se que 73% dos egressos respondentes do curso de Educação Física da Unidade Ibirité atuam na área da Educação Física. Em um curso cujo perfil do ingresso é de estudante trabalhador, a formação em Educação Física pode ser entendida como uma nova forma de inserção no mundo do trabalho. A formação docente para trabalhadores passa por uma ressignificação do mundo do trabalho pautada em novas oportunidades de atuação.

Dos estudantes egressos 33% afirmam estar atuando na área da Educação Física escolar, 26% com políticas públicas de esporte e lazer, 13% em academias e 26% em outras atividades. Os programas sociais e políticas públicas de esporte e lazer se apresentam como um campo de atuação possível para os estudantes e os formados em Educação Física. E quando questionados sobre as perspectivas profissionais da área, 60% acredita que ela transita entre boa e ótima.

Tornar-se professor pode ser entendido como um processo contínuo, de difícil demarcação acerca de seu início e fim. É um caminho que está relacionado com a profissão docente e suas contradições, bem como com os saberes docentes que emanam nesses contextos. A licenciatura em Educação Física na Unidade de Ibirité tem participação efetiva na busca dos sujeitos pelo tornar-se professor de Educação Física, pois é um curso que legitima socialmente o professor através da diplomação. Conjuntamente, há professores egressos do curso que veem na profissão perspectivas de melhoras profissionais nas áreas em que já atuam. Entretanto, faz-se necessário conhecer os desafios que cercam a profissão e as oportunidades de discussão sobre esses temas.

Trazendo ainda os dados produzidos pela pesquisa interna supracitada, notou-se que os estudantes ingressos no curso de Educação Física da Unidade Ibirité são, em sua maioria, oriundos de escolas públicas. Outro dado orientador das concepções da licenciatura em Educação Física da Unidade de Ibirité é a relação entre os estudantes ingressos e o mundo do trabalho. Em outra pesquisa interna realizada na turma do quinto período matutino, constatou-se que entre 42 estudantes frequentes, apenas dois estudantes não estavam trabalhando. Entre os tipos de empregos exercidos pelos trabalhadores da turma incluem-se: academia, secretaria escolar, aulas de

esportes, monitoria de ônibus escolar, vendas no comércio, vigilante, técnico de enfermagem, policial, políticas públicas de esporte e lazer, dona de casa, faxineira de escola, analista de sistema; professora de dança em academias, agente penitenciário e telefonista.

Em outra pesquisa com 22 estudantes do quinto período foi perguntado sobre suas tarefas diárias. Um dado relevante foi que de 12 estudantes entrevistadas, seis se identificaram como mães. Em uma pequena amostra de estudantes e suas questões de vida, podemos perceber um grupo de pessoas que já possui vínculo com o mundo do trabalho de várias formas. Os trabalhos citados pelos estudantes refletem os trabalhos populares e o desejo de uma graduação como perspectiva de mudança ou melhoria desses trabalhos. Destaca-se ainda que o trabalho tornasse elemento fundador da sua permanência na universidade e propicia elementos de vários universos que vão, de algum modo, constituir o campo da Educação Física.

Desse modo, é basilar pensar neste Projeto Pedagógico de Curso, levando em consideração a dinâmica cotidiana e nos diferentes trabalhos que cercam a vida dos discentes. Propomos o entendimento de trabalho como uma atividade social que extrapola o sentido relacionado às formas de ação, remuneração e consumo. Pode-se pensar o trabalho como atividade subjetiva à condição social do homem, ou em uma perspectiva global quando relacionada à formação humana, sobretudo quando se reflete acerca das diferentes maneiras de geração de renda, a movimentação da economia, o desenvolvimento da cultura, relações de aprendizagem, etc. Pode-se evidenciar não a existência de um mundo, mas de diferentes mundos do trabalho.

O curso de licenciatura em Educação Física da UEMG / Unidade Ibirité é dividido em matutino e noturno. No que se relaciona à temporalidade de permanência dos discentes no curso propomos uma ampliação de três anos e seis meses para quatro anos. Essa alteração deve-se às características dos discentes/trabalhadores constituem os nossos cursos. Tal proposta pauta-se numa concepção da formação humana concomitante ao trabalho onde propomos uma estrutura de disciplinas que contemple tempos de estudos autônomos. Busca-se assim semestres com cargas horárias de no máximo

360 horas com disciplinas curriculares obrigatórias, distribuídas em no máximo 6 (seis) dias letivos semanais, para possibilitar aos acadêmicos do curso a possibilidade de se engajar em vivências múltiplas para a sua formação docente, tais como: disciplinas optativas e/ou eletivas, projetos de extensão, projetos de pesquisa, estágios, entre outros tempos/espços formativos.

Concebe-se assim o curso de Educação Física como um processo formativo pautado em diferentes campos do conhecimento que é fortalecido nos processos de práticas docentes, estágios supervisionados e atividades acadêmicas culturais possíveis e necessárias aos estudantes. Dessa forma, a UEMG – Unidade Ibirité busca promover o ensino, a pesquisa e a extensão de modo a contribuir para a formação de cidadãos comprometidos com o desenvolvimento e a integração dos setores da sociedade e das regiões do Estado, especialmente no que se refere às questões da Educação Física.

3.2 Objetivos do curso

O objetivo da licenciatura em Educação Física da UEMG - Ibirité é fomentar a criação cultural, o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo em uma construção coletiva e democrática para o exercício da docência e da gestão de projetos educacionais nos espaços de atuação da Educação Física.

O egresso do curso de Educação Física deve construir saberes referentes a intervenção no âmbito da cultura corporal do movimento reconhecendo: as especificidades dos sujeitos com os quais atuará; o processo de sistematização e organização dos conteúdos da cultura corporal de movimento; os processos de avaliação nas diversas áreas da Educação Física.

3.2.1 Objetivos específicos

A licenciatura em Educação Física de Ibirité busca que o egresso reúna conhecimentos e habilidades que permitam a sua atuação em locais como: escola; projetos sociais; clubes; gestão de projetos educacionais; centros de referência; Programa Saúde da Família (PSF); Programa Saúde na Escola

(PSE). Além de um trabalho com grupos distintos e minorias sociais como: pessoas com deficiência; negros; povos indígenas; ciganos, idosos; LBGTTT; povos rurais; quilombolas; mulheres e outros grupos aqui não especificados, de forma a compreender as realidades e demandas dessas pessoas.

Para atender os objetivos específicos e gerais o estudante ingresso deve construir conhecimentos específicos da Educação Física, entendimentos sobre a formação continuada e intervenções políticas:

Conhecimentos específicos da Educação Física

- Domínio dos conhecimentos contidos nos núcleos I e II presentes na Resolução nº 2 de 1º de julho de 2015.
- Apropriação dos saberes referentes às vivências práticas docentes, construídos nos tempos destinados ao estágio supervisionado, nas práticas de ensino e nas Atividades Acadêmicas, Científicas e Culturais (AACCs).

Entendimento da necessidade de uma formação continuada e embasada em princípios científicos, críticos e éticos

- Pautar-se por princípios da ética democrática;
- Orientar suas escolhas e decisões metodológicas e didáticas por pressupostos epistemológicos coerentes;
- Reconhecer e respeitar a diversidade manifestada por seus alunos, em suas dimensões corporal, sociais e culturais;
- Zelar pela dignidade profissional e pela qualidade pedagógica de seu trabalho.
- Sistematizar e socializar a reflexão sobre a prática docente, investigando o contexto educativo e a própria prática educativa;
- Utilizar resultados de pesquisa para a qualificação de sua prática profissional.
- Estar apto a aprender a aprender e ter responsabilidades e compromissos com a educação das futuras gerações de profissionais.

Política

- Usar conhecimentos sobre a realidade econômica, cultural, política e social, para compreender o contexto e as relações em que está inserida a prática educativa;
- Participar coletiva e cooperativamente da elaboração, desenvolvimento e avaliação do projeto político-pedagógico da escola, nos diferentes contextos escolares de sua prática profissional.

3.3. Perfil do egresso

É desejado que o egresso formado em Educação Física seja capaz de atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária. Que respeite a diversidade de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, de classes sociais, religiosas, de necessidades especiais, de diversidade sexual, entre outras. Que ele compreenda o seu papel na formação dos estudantes da educação básica a partir de concepção ampla e contextualizada de ensino e processos de aprendizagem e desenvolvimento destes, incluindo aqueles que não tiveram oportunidade de escolarização na idade própria. Para tanto, espera-se que o egresso construa saberes teórico/práticos para atuar com os conteúdos da cultura corporal do movimento com diferentes grupos sociais. Que ele seja capaz de resolver os problemas do cotidiano da prática docente, elabore reflexões sobre os diferentes espaços de atuação, sujeitos e as práticas corporais possíveis.

Também, que seja capaz de identificar questões e problemas socioculturais e educacionais, com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, a fim de contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais e outras da localidade em que atuar. Que planeje, execute e acompanhe a organização de conhecimentos sobre a escola, a composição curricular da Educação Física, as diferentes abordagens da Educação Física escolar, a gestão de projetos educacionais e as políticas públicas educacionais da região onde está inserido. Construa conhecimentos sobre antropologia, sociologia, educação, biologia, filosofia e fisiologia e suas

articulações com sua atuação na área da Educação Física. Experimente as práticas da cultura corporal de movimento e a docência através das AACCs, estágios, práticas de ensino, pesquisa e extensão e promova durante o exercício da docência pesquisas que proporcionem conhecimento sobre os estudantes e sua realidade sociocultural, sobre processos de ensinar e de aprender, em diferentes meios ambiental-ecológicos, sobre propostas curriculares e sobre organização do trabalho educativo e práticas pedagógicas, entre outros.

4. Organização curricular

Considerando a legislação vigente, bem como alterações efetivas no âmbito dos sistemas educacionais, com ênfase para a complexificação do papel dos profissionais do magistério da educação básica, advoga-se que a formação inicial capacite o profissional licenciado em Educação Física para o exercício da docência e da gestão de projetos educacionais, o que vai requerer que essa formação possibilite acesso a conhecimentos específicos sobre o contexto educacional em geral, bem como uma formação pedagógica específica para o exercício de sua profissão.

Desse modo, a organização curricular aqui proposta fundamenta-se nos pressupostos dada Resolução CNE/CP n^o 2/2015, Art.12, que propõe os seguintes núcleos: núcleo de estudos de formação geral, núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos e núcleo de estudos integradores para enriquecimento curricular.

Núcleo de estudos de formação geral

Núcleo de estudos de formação geral das áreas específicas e interdisciplinares, e do campo educacional, seus fundamentos e metodologias, e das diversas realidades educacionais, onde situam-se disciplinas que buscam uma articulação com:

- princípios, concepções, conteúdos e critérios oriundos de diferentes áreas do conhecimento, incluindo os conhecimentos pedagógicos,

específicos, interdisciplinares, os fundamentos da educação, para o desenvolvimento das pessoas, das organizações e da sociedade;

- princípios de justiça social, respeito à diversidade, promoção da participação e gestão democrática;
- conhecimento, avaliação, criação e uso de textos, materiais didáticos, procedimentos e processos de ensino e aprendizagem que contemplem a diversidade social e cultural da sociedade brasileira;
- conhecimento multidimensional e interdisciplinar sobre o ser humano e práticas educativas, incluindo conhecimento de processos de desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos, nas dimensões física, cognitiva, afetiva, estética, cultural, lúdica, artística, ética e biopsicossocial;
- diagnóstico sobre as necessidades e aspirações dos diferentes segmentos da sociedade relativamente à educação, sendo capaz de identificar diferentes forças e interesses, de captar contradições e de considerá-los nos planos pedagógicos, no ensino e seus processos articulados à aprendizagem, no planejamento e na realização de atividades educativas;
- pesquisa e estudo dos conteúdos específicos e pedagógicos, seus fundamentos e metodologias, legislação educacional, processos de organização e gestão de projetos educacionais, trabalho docente, políticas de financiamento, avaliação e currículo;
- decodificação e utilização de diferentes linguagens e códigos linguístico-sociais utilizadas pelos estudantes, além do trabalho didático sobre conteúdos pertinentes às etapas e modalidades de educação básica;
- pesquisa e estudo das relações entre educação e trabalho, educação e diversidade, direitos humanos, cidadania, educação ambiental, entre outras problemáticas centrais da sociedade contemporânea;
- questões atinentes à ética, estética e ludicidade no contexto do exercício profissional, articulando o saber acadêmico, a pesquisa, a extensão e a prática educativa;
- pesquisa, estudo, aplicação e avaliação da legislação e produção específica sobre organização e gestão da educação nacional.

Núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos

Núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos das áreas de atuação profissional, incluindo os conteúdos específicos e pedagógicos onde situam-se disciplinas que buscam uma articulação com:

- investigações sobre processos educativos, organizacionais e de gestão de projetos na área educacional;
- avaliação, criação e uso de textos, materiais didáticos, procedimentos e processos de aprendizagem que contemplem a diversidade social e cultural da sociedade brasileira;
- pesquisa e estudo dos conhecimentos pedagógicos e fundamentos da educação, didáticas e práticas de ensino, teorias da educação, legislação educacional, políticas de financiamento, avaliação e currículo;
- aplicação, ao campo da educação, de contribuições de conhecimentos, como o pedagógico, o filosófico, o histórico, o antropológico, o ambiental-ecológico, o psicológico, o linguístico, o sociológico, o político, o econômico, o cultural, entre outros.

Para esse núcleo propõem-se ainda uma organização curricular baseada em eixos estruturantes das linhas de pesquisa, ensino e extensão, considerando as produções acadêmicas do campo da Educação. Os eixos são estruturas que unificam as ações de docentes, discentes e comunidade, organizando as propostas coletivas da licenciatura na construção dos conhecimentos:

- **Eixo 1 - Aspectos Históricos, Culturais e Pedagógicos da Educação Física:** envolve estudos da formação inicial e continuada do professor de Educação Física, bem como da teorização e construção do currículo de formação. Compreensão da profissão docente e sua atuação nas diversas instituições educativas. Problematiza o processo de ensino aprendizagem das práticas corporais na formação e na intervenção docente. Além disso, aproxima-se do estudo e da investigação em perspectiva histórica, pedagógica e social da Educação Física e das práticas corporais, seus processos pedagógicos, suas práticas e suas

representações na sociedade.

- **Eixo 2 - Aspectos psicológicos e comportamentais do movimento humano:** este eixo contempla as dimensões psicobiológicas, neuropsicológicas, cognitivas, comportamentais e desenvolvimentais no ambiente educacional e no esporte. Assim, avança-se no conhecimento em temas como: análise de aspectos psicológicos e comportamentais em professores, estudantes, gestores e outros grupos com necessidades especiais, esportes adaptados, pessoa com deficiência, bem como temas primordialmente existentes nas áreas da Psicologia do Esporte, Desenvolvimento Motor, Aprendizagem Motora e Controle Motor.
- **Eixo 3 - Estudos do Lazer:** envolve estudos sobre o lazer e suas manifestações na contemporaneidade tratando de temas como indústria cultural, barreiras para vivências do lazer, lazer e mercado. Compreensões sobre a formação e atuação profissional no campo do lazer, bem como problematiza as questões de intervenção profissional no campo. Investiga as políticas públicas de esporte e lazer no Brasil e no mundo. Investiga o ócio, desenvolvimento humano, práticas corporais e suas possíveis relações com a saúde e os diferentes tempos sociais.
- **Eixo 4 - Fisiologia e biodinâmica:** a matriz teórica do eixo norteia os trabalhos com enfoque físico-biológico com base nos estudos adaptativos dos sistemas orgânicos numa lógica de interação com o ambiente e os diversos processos de ensino-aprendizagem. Os conteúdos são relacionados à fisiologia, à saúde e à biodinâmica do movimento, propondo o entendimento do organismo diante da construção de contribuições pedagógicas suportadas pelos saberes biológicos. Sob essa perspectiva, a análise teórica indica principalmente as possibilidades, mas também as limitações dos indivíduos durante a prática da Educação Física. Nesse sentido, as contribuições biológicas e orgânicas suportariam a prática das demandas escolares, a partir do diálogo com as ciências básicas. Assim, o eixo oferece uma pluralidade de perspectivas teórico-metodológicas a partir do entendimento físico-biológico que contemple a formação de professores em Educação

Física.

Núcleo de estudos integradores para enriquecimento curricular

Núcleo de estudos integradores para enriquecimento curricular compreende-se que a formação inicial se destina àqueles que pretendem exercer o magistério da educação básica em suas etapas e modalidades de educação e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos, compreendendo a articulação entre estudos teórico-práticos, investigação e reflexão crítica, aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino. Nesse núcleo situam-se atividades acadêmicas que propõe uma articulação com:

- seminários e estudos curriculares, em projetos de iniciação científica, iniciação à docência, residência docente, monitoria e extensão, entre outros, diretamente orientados pelo corpo docente da instituição;
- atividades práticas articuladas entre os sistemas de ensino e instituições educativas de modo a propiciar vivências nas diferentes áreas do campo educacional, assegurando aprofundamento e diversificação de estudos, experiências e utilização de recursos pedagógicos;
- mobilidade estudantil, intercâmbio e outras atividades previstas neste PPC;
- atividades de comunicação e expressão visando à aquisição e à apropriação de recursos de linguagem capazes de comunicar, interpretar a realidade estudada e criar conexões com a vida social.

4.1. Articulação entre Pesquisa, Ensino e Extensão

Entre os diferentes espaços de construção do conhecimento, a universidade ocupa um lugar privilegiado de convivência e desenvolvimento humano, científico-tecnológico e social. Tem como eixo central a formação de profissionais-cidadãos, isto é, de profissionais comprometidos com o desenvolvimento social em nível local e global.

Pensar as funções da universidade hoje, pautadas em princípios democráticos e transformadores, implica adentrar novos paradigmas que possibilitam olhares ampliados, além do diálogo entre os diferentes saberes disciplinares e a integração entre ensino, pesquisa e extensão².

O processo de consolidação das universidades brasileiras tem como meta principal, promover a integração e melhoria do ensino superior nacional, que trouxe à atualidade a observância do princípio da indissociabilidade do tripé ensino, pesquisa e extensão, colocada pela Constituição Federal de 1988 em seu artigo 207, o qual afirma que: “as universidades gozam de autonomia didático científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao 19 princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988)³.

A compreensão sobre esse tripé não se restringe a uma questão conceitual ou legislativa, mas fundamentalmente, paradigmática, epistemológica e político-pedagógica, pois está relacionada às funções e à razão de ser das universidades, que se constituíram, historicamente, vinculadas às aspirações e aos projetos nacionais de educação. Caracteriza-se, de acordo com Rays (2003, p. 73)⁴, como “um processo multifacetado de relações e de correlações que busca a unidade da teoria e da prática”, pois se constitui princípio das atividades-fim da universidade.

Essa unidade teórica e prática se concretiza no curso a partir da lógica da apresentação das disciplinas que o coletivo reconhece como “legal” e entende como necessária, a partir de estudos curriculares e discussões, com cargas horárias adequadas à realidade, perfil do egresso e temporalidade do curso, dos referenciais teóricos e das experiências dos profissionais que fazem parte do corpo docente da unidade Ibirité, visando contemplar as vivências necessárias à formação a partir da realidade profissional.

² PIVETTA, Hedioneia, BACKES, Dirce, CARPES, Adriana, BATTISTEL, Amara Lúcia, MARCHIORI, Mara. **Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária: em busca de uma integração efetiva**. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 16, n. 31, p. 377-390, jul./dez. 2010. ISSN 1516-4896. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewFile/3028/2628>

³ BRASIL. Constituição da República federativa do Brasil. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm

⁴ CÉSAR, Sandro. **A Indissociabilidade Ensino, Pesquisa e Extensão e a gestão do conhecimento: Estudo em universidade brasileira**. Projeto de pesquisa apresentado ao Curso de Mestrado em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento de Organizações da Universidade FUMEC, Belo Horizonte/MG, 2013. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/sigc/article/viewFile/1918/1226>

O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão reflete um conceito de qualidade do trabalho acadêmico que favorece a aproximação entre universidade e sociedade, a autorreflexão crítica, a emancipação teórica e prática dos estudantes e o significado social do trabalho acadêmico. A concretização deste princípio supõe a realização de projetos coletivos de trabalho que se referencie no planejamento das ações institucionais e na avaliação que leve em conta o interesse da maioria da sociedade.

Esses projetos que qualificam e solidificam a formação, além de resgatar os conteúdos vivenciados em “sala de aula”, dentro da proposta curricular, ressignificam a lógica do ensino-aprendizagem e amplia as possibilidades da prática e da contextualização do aprendido, favorecendo o entendimento, a aplicabilidade e a adequação didático-pedagógica. A concretização dessa proposta é apresentada a partir das matérias optativas onde os alunos podem se aproximar dos professores e das disciplinas que têm interesse em pesquisar, das possibilidades dos professores proporem, por conta própria ou atendendo a pedidos, projetos de pesquisa e extensão (ressaltando o incentivo institucional através do PAEx e do PAPq e outras formas de proporem projetos de pesquisa e extensão), destacando os 2 (dois) grupos de pesquisa, 9 (nove) projetos de pesquisa e 6 (seis) projetos de extensão registrados no curso de Educação Física da Unidade Ibirité no ano de 2016.

A realização desses projetos, além de concretizar o elo Ensino, Pesquisa e Extensão, que é o tripé que sustenta uma Universidade, proporciona a aproximação com a sociedade.

Castro (2004)⁵ mostra que a história da indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão têm como pano de fundo a história das relações entre conhecimento científico e demandas sociais. Historicamente, o conhecimento científico tornou-se uma forma de conhecimento privilegiada, pela grande importância que adquiriu para a vida das sociedades contemporâneas.

Mediante as particularidades que caracterizam cada uma das três funções universitárias, a indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão se caracteriza como um catalisador do conhecimento “pluriversitário”, que permite,

⁵ Idem 2.

conforme Santos (2004, p. 31)⁶, “a inserção da universidade na sociedade e a inserção desta na universidade”. Logo, pode ser entendida como um princípio orientador da universidade nascido sob o influxo dos debates que estabelecem o lugar da universidade no seio da sociedade em geral, recebendo uma nítida influência daquela terceira tendência sugerida por Pereira Júnior (2005)⁷, a de um conhecimento científico em diálogo permanente com as demandas sociais.

Logo, o princípio da integração entre os pilares em questão reflete um conceito de qualidade do desempenho acadêmico capaz de favorecer a autorreflexão crítica, a emancipação teórico-prática e o significado de responsabilidade social proporcionado pela aproximação entre a universidade e a comunidade.

4.2. Disciplinas curriculares

A estrutura curricular das disciplinas aqui presente foi pensada e estruturada a fim de contemplar as necessidades de formação dos cursos de licenciatura em Educação Física, considerando a formação para o exercício integrado e indissociável da docência, incluindo o ensino e a gestão dos projetos educativos escolares e não escolares, a produção e difusão do conhecimento científico, tecnológico e educacional.

Nesse sentido, institui-se nessa proposta a matrícula por disciplina, a diminuição de pré-requisitos e o sistema de créditos, com o intuito de flexibilizar a estrutura curricular e criar a possibilidade de percursos formativos autônomos para os acadêmicos do curso. Em conformidade com a RESOLUÇÃO COEPE/UEMG nº 132/2013 a matrícula deverá considerar os seguintes requisitos:

Matricula inicial

Tendo sido classificado através do processo seletivo, para assegurar a vaga, o estudante deverá comparecer à Secretaria Acadêmica da Unidade de Ibirité, na data estabelecida pela Universidade, para realizar sua matrícula. A

⁶ Idem 2.

⁷ Idem 2.

data de matrícula constará no Calendário Acadêmico. O não comparecimento do/a estudante para matrícula inicial na data prevista será considerado desistência da vaga.

Renovação de matrícula

A renovação de matrícula é ato obrigatório e deve ser realizado pelo estudante, a cada período letivo regular e será considerado abandono de curso a não renovação de matrícula no prazo regular previsto pelo Calendário Acadêmico. A cada semestre letivo o Colegiado de curso realizará a orientação de matrícula, considerando as exigências curriculares, o tempo de integralização do curso e as disciplinas de interesse do estudante. A matrícula será precedida de uma pré-matrícula. A matrícula será realizada pelo estudante, de forma on-line, no Sistema de Registro Acadêmico. Durante o período previsto no Calendário Acadêmico, ocorrerá o ajuste da matrícula, quando o estudante poderá realizar os acertos necessários na mesma. A confirmação da matrícula será feita pela Secretaria Acadêmica, de forma eletrônica.

Os limites de créditos para matrícula

A renovação de matrícula por disciplina deverá observar:

- um limite mínimo de 08 (oito) créditos a serem cursadas no semestre letivo;
- um limite máximo de 32 (trinta e dois) créditos a serem cursadas por semestre;
- a cadeia de pré-requisitos, quando for o caso.
- o tempo máximo de 14 semestres para a integralização do curso.
- o tempo mínimo de 8 semestres para a integralização do curso.

A prioridade de matrícula nas disciplinas

A prioridade de ocupação das vagas em disciplinas, no processo de renovação de matrícula, obedecerá à seguinte ordem:

- I. estudantes para os quais a disciplina seja obrigatória e que não tenham sido reprovados, em nenhuma disciplina do curso,

- priorizando o turno de origem.
- II. estudantes que necessitem daquela disciplina para integralizar o curso no semestre;
 - III. estudantes para os quais a disciplina seja obrigatória, e que tenham sido reprovados em uma ou mais disciplinas do curso, priorizando o turno de origem;
 - IV. estudantes para os quais a disciplina seja optativa;
 - V. estudantes que estejam pretendendo cursar a disciplina como eletiva;

Os/as estudantes que tenham trancado a matrícula submeter-se-ão às mesmas prioridades acima, quando do retorno.

A oferta de vagas

A cada semestre letivo os Departamentos da Unidade Ibirité deverá assegurar um número de vagas para cada disciplina sob sua responsabilidade considerando, pelo menos, os/as estudantes aptos a cursá-la como obrigatória. No entanto, o Colegiado de Curso poderá solicitar a ampliação desse número, tendo em vista a situação curricular dos estudantes. Até o término do 3º mês do período letivo, os Departamentos da Unidade Ibirité deverão encaminhar ao Colegiado de Curso a relação de disciplinas optativas que serão oferecidas no próximo semestre. A Coordenação de Curso por sua vez, deverá também organizar a oferta de disciplinas optativas pelos Departamentos, de modo a assegurar que haja número de vagas para que os estudantes inscritos regularmente cumpram, ao longo de seu percurso acadêmico, o número de créditos optativos exigidos para a integralização curricular. Só serão ministradas disciplinas optativas que contarem com, no mínimo, 10 (dez) estudantes matriculados. No entanto, exceções serão admitidas, a juízo da PROEN, em disciplinas que, por suas características pedagógicas, não possam ser oferecidas com esse número de alunos.

Matrícula em disciplina isolada

Entende-se por disciplina isolada aquela que faz parte do currículo dos cursos de Graduação da UEMG, na qual são abertas vagas para matrícula em

disciplina isolada, pelo Departamento, para ser cursada por qualquer interessado que não seja estudante regularmente matriculado na UEMG. Semestralmente a Universidade divulgará a relação das disciplinas em que é possível matrícula como isolada. Para matricular-se em uma disciplina isolada o (a) candidato (a) deverá ter cumprido os pré-requisitos, caso requeridos, ou ter sido dispensado de cumpri-los, pelo Departamento responsável pela mesma. O requerimento de matrícula em disciplina isolada, acompanhado do curriculum vitae do (a) candidato (a), histórico escolar e da devida justificativa, será protocolado na Secretaria Acadêmica da Unidade, dirigido ao Chefe de Departamento na data estabelecida no Calendário Acadêmico e caberá ao Departamento decidir sobre o deferimento do requerimento. O (a) candidato (a) que se matricular em disciplina isolada estará sujeito (a) às mesmas obrigações dos (as) estudantes regularmente matriculados na Universidade e às mesmas exigências de frequência e aproveitamento. A matrícula em disciplina isolada não dará o direito ao diploma de graduação, ainda que o (a) estudante tenha cumprido, dessa forma, todas as disciplinas de um dado currículo. O (a) estudante de disciplina isolada não será considerado aluno regular da Universidade, mas terá direito à declaração comprobatória de frequência e nota, que deverá ser solicitado na Secretaria Acadêmica da Unidade. A possibilidade de matrícula em disciplina isolada é limitada a duas disciplinas, por estudante, em cada período.

Enriquecimento curricular

Entende-se por Enriquecimento Curricular, a realização de atividades extracurriculares, como estágios não obrigatórios, iniciação científica, atividades de extensão, e demais atividades listadas neste Projeto Político-Pedagógico, ou validadas como tal pelo Colegiado de Curso. As atividades de enriquecimento curricular serão registradas no campo: Enriquecimento Curricular, no Histórico dos estudantes.

Trancamento de matrícula

O direito ao trancamento de matrícula, parcial ou total, é concedido ao estudante a partir do segundo período do curso. A solicitação de trancamento

de matrícula, parcial ou total, pode ser feita pelo próprio estudante, ou por terceiros, mediante procuração específica, em requerimento próprio, e dentro do prazo estabelecido no Calendário Acadêmico, na Secretária Acadêmica da Unidade de Ibitaré. O Colegiado do Curso analisará as solicitações de trancamento. O trancamento total de matrícula poderá ser concedido uma vez, sem justificativa, podendo ser concedido por mais um semestre, ao longo do curso, mediante justificativa. O trancamento parcial de matrícula poderá ser concedido, respeitando-se:

- o cumprimento do limite mínimo de 08 (oito) créditos por semestre,
- o trancamento por, no máximo, 2 (duas) vezes, na mesma disciplina.
- O trancamento de matrícula em qualquer disciplina, não assegura, ao (à) estudante, o direito de matricular-se em outra, em substituição, no mesmo semestre.
- O trancamento de matrícula só tem validade por um semestre letivo regular, devendo o (a) estudante renovar, semestralmente, sua matrícula, ainda que pretenda solicitar um novo trancamento.

O (a) estudante que não renovar a matrícula semestralmente perderá o vínculo com o curso. O semestre em que o/a estudante estiver com o trancamento total, não será computado na contagem do tempo para a integralização curricular. Exceções quanto aos prazos e limites previstos poderão ser admitidos, se aprovados pelo Colegiado, mediante parecer fundamentado, revogadas as disposições em contrário, em especial as constantes na Resolução COEPE nº 85/2010.

Em atendimento às diretrizes propostas pela Resolução do CNE Nº 2, de 1º de julho de 2015, ficam estabelecidas as cargas horárias mínimas obrigatórias para a integralização curricular:

Componente curricular	Carga horária (hora/relógio)
Prática como componente curricular	405 hs
Estágio supervisionado	405 hs
Atividades teórico-práticas de aprofundamento	210 hs
Disciplinas curriculares	2235 hs
Trabalho de Conclusão de Curso	60 hs
Total	3315 hs

A carga horária supracitada, referente às disciplinas curriculares, está subdividida em disciplinas obrigatórias, optativas e eletivas e respaldada pela RESOLUÇÃO COEPE/UEMG nº 132/2013:

Disciplinas Curriculares		
Tipo	Carga horária (hora/relógio)	Créditos
Obrigatórias	1965 hs	131
Optativas	210 hs	14
Eletivas	60 hs	4
Total	2235 hs	149

As disciplinas são oferecidas aos estudantes de graduação nas seguintes condições:

- **Disciplinas Obrigatórias:** são as disciplinas que constam neste Projeto Político-Pedagógico, imprescindíveis à formação do/a estudante, e que a Instituição considera que não podem faltar em um curso de graduação de licenciatura em Educação Física (tais disciplinas estão descritas a seguir no item 4.8. Ementário).
- **Disciplinas Optativas:** são as disciplinas que constam neste Projeto Político-Pedagógico e permitem aprofundamento de estudos em

diversos campos do conhecimento da Educação Física (tais disciplinas estão descritas a seguir no item 4.8.1 Optativas)

- Disciplinas Eletivas: são quaisquer disciplinas dos cursos de graduação credenciados pelo MEC e que não estejam incluídas na matriz curricular do presente curso.

Para afinar-se com as diversas modalidades de ensino que se apresentam na atualidade e prever as demandas de formação profissional que estão por vir, fica previsto, conforme Portaria MEC nº 4.059/2004 em seu inciso 2º, que qualquer disciplina descrita neste currículo seja ofertada em formato de Ensino a Distância (EaD), desde que esta oferta não ultrapasse 20 % (vinte por cento) da carga horária total do curso e tal alteração seja aprovada pelo Colegiado do Curso.

4.3. Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento

As Atividades teórico-práticas de aprofundamento (ATPA), previstas na Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015, apresenta como premissa necessária para ampliação cultural, científica e acadêmica do graduando durante o processo de formação profissional. Assim, têm por finalidade enriquecer o processo de ensino-aprendizagem através de atividades de abrangência acadêmica, científica e cultural, presenciais e não presenciais, privilegiando: atividades de complementação da formação social, humana e cultural e atividades de cunho comunitário e de interesse coletivo.

Essas atividades contemplam uma carga horária obrigatória de 210 horas a serem cumpridas ao longo da formação dos acadêmicos. Serão consideradas ATPA's, as atividades promovidas por instituições públicas e privadas, enquadradas em três grupos:

- Acadêmicas, extensão e representação estudantil em órgãos colegiados na Universidade – monitoria em disciplinas; monitorias em projetos de extensão (com ou sem bolsa); estágios extracurriculares; trabalhos de docência voluntários em organizações distintas;

- Pesquisa – iniciação científica (com ou sem bolsa); eventos; publicações;
- Socioculturais – Participações em eventos culturais em geral (teatros, exposições, museus, festivais, cinema);

A carga horária dessas atividades deverá ser distribuída da seguinte forma de acordo com cada um dos três grupos supracitado:

Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento		
Tipo	Carga horária (hora/relógio)	Créditos
Acadêmica	90hs	6
Pesquisa	60hs	4
Socioculturais	60 hs	4
Total	210 hs	14

Ao final do penúltimo período acadêmico do curso (conforme data estipulada pelo Colegiado do Curso), o discente deverá entregar em uma pasta no formato de fichário (seguindo a ordem do Modelo De Entrega Dos Comprovantes – anexo II), a documentação comprobatória das atividades realizadas, totalizando no mínimo 210 horas, ao Colegiado do Curso, que deverá validá-las. Para tanto, dever-se-á apresentar o documento original. Posteriormente a documentação será devolvida ao discente, juntamente com uma certidão negativa, quanto ao cumprimento das exigências estipuladas às atividades.

A integralização de horas referentes às publicações nas modalidades de livro, coletânea, artigo em revista, resumo, resenha, tradução, texto em jornal e outras, será considerada, desde que seja anexada à solicitação, cópia integral da publicação, além de cópia das páginas que permitam identificar o corpo editorial e informações necessárias à sua tipificação.

Para as atividades que não será disponibilizado a comprovação de participação na mesma por meio de certificados e/ou declarações (devidamente assinado e carimbado pela instituição responsável), o discente deve apresentar uma fotografia anexada ao relatório (conforme modelo em

anexo), comprovando a presença em tal local (devidamente identificado o evento, ou seja, próximo a algum banner, cartaz, placa), juntamente com o ingresso do evento.

4.4. Estágio curricular supervisionado

O projeto de estágio na disciplina de estágio, que hora se apresenta, destina-se a responder sobre a formação de professores de Educação Física com o exercício na educação básica, no âmbito da licenciatura. A formação do Professor de Educação Física na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ibirité estabelece o Estágio como atividade acadêmica obrigatória, com a programação de 405 horas para o seu desenvolvimento, sob a supervisão docente, sendo iniciado a partir do 5º período do curso.

O Estágio constitui um tempo de aprendizagem que o aluno desenvolve em escolas de Educação Básica, realizando um conjunto de atividades para aprender a prática do ensino de Educação Física, em situação de vivência do exercício profissional. É então um aprendizado por meio da prática profissional, para proporcionar ao estudante a oportunidade de mobilizar conhecimentos, habilidades e atitudes abordados ao longo de sua formação acadêmica, sob a orientação de professores da UEMG e do local de estágio.

O cotidiano da escola é terreno de possibilidades e escolhas. O que requer muito cuidado no fazer pedagógico neste espaço, pois nada está dado como fato consumado, é preciso estabelecer metas, estratégias, planos, em que esteja assegurado o direito dos alunos serem eles mesmos, em uma educação com qualidade social.

O estágio se confirma como tempo e lugar de apreender as diversas realidades das instituições de ensino, momento propício de reconhecer as pluralidades. Torna-se importante compreender que cada escola possui singularidades nas relações existentes entre as pessoas e os saberes. Nesse novo contexto, a escola passa a ser vista como local de produção cultural no qual se confrontam diferentes forças sociais, econômicas, políticas e culturais em constante disputa.

Neste sentido é que se deve considerar o projeto político-pedagógico como um processo permanente de reflexão e discussão dos problemas da

escola, na busca de alternativas viáveis à efetivação de sua intencionalidade, que "não é descritiva ou constatativa, mas é constitutiva" (MARQUES, 1990, p. 23).

A principal possibilidade de construção do projeto político-pedagógico passa pela relativa autonomia da escola, de sua capacidade de delinear sua própria identidade (VEIGA, 2003). Nesse sentido, torna-se importante que o estágio e as disciplinas correspondentes abordem a questão da autoria docente, que só pode ser compreendida e aflorada se o discente compreender seu papel na perseguição coletiva de fazer cumprir o papel social da escola. Dessa forma, autonomia e autenticidade são elementos a serem debatidos e promovidos nos cursos de formação de professores. Isto significa resgatar a escola como espaço público, lugar de debate, do diálogo, fundado na reflexão coletiva.

De acordo com Projeto Político Pedagógico do curso, a intervenção profissional do licenciado em Educação Física dar-se-á no sentido de identificar, planejar, programar, organizar, dirigir, supervisionar, desenvolver, avaliar e lecionar conteúdos da disciplina Educação Física na Educação Infantil, nos ensinos Fundamentais, Médios, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e nas atividades de natureza técnicas pedagógicas (ensino, pesquisa e extensão) no campo das disciplinas de formação técnico-profissional, objetivando a formação do profissional consciente do papel social e político na sociedade.

As atividades físicas, recreativas, esportivas e a prática da cultura corporal de movimento como saber da Educação Física são manifestações, culturais, (re) produzidas, (re) criadas ao longo do tempo por diferentes sujeitos que, ao movimentarem-se, conferem diferentes sentidos e significados às práticas. Reconhecer as práticas como produções socioculturais demanda do professor uma (re) configuração do seu lugar no processo ensino-aprendizagem assim como dos seus alunos. Ambos são portadores de bagagens de saberes acerca de cada prática corporal, construídos a partir de sua formação formal, não formal e informal (Dasen, 1987) que, no momento da aula/atuação, são colocados em ação.

Trabalhar na perspectiva da cultura corporal de movimento demanda de o professor reconhecer seu papel de observador, mediador e protagonista no processo de produção do conhecimento de seus alunos a respeito das práticas e, conseqüentemente, deve reconhecê-los como produtores de cultura.

Acreditamos que, nesta perspectiva, o cumprimento da carga horária do estágio deva possibilitar aos alunos alternativas que consolidem esse tempo/espço no processo de formação inicial dos professores através do oferecimento de experiências no trato pedagógico que potencializem o desenvolvimento das competências reconhecidas como fundamentais para o exercício do professor de Educação Física.

Pérez Gómez (1996) oferece algumas contribuições a respeito da experiência de formação de professores. O autor nos chama a atenção para a centralidade que as práticas ou o realizar pedagógico deveriam ocupar no processo de formação de professores. A proposta aqui apresentada tem como objetivo estabelecer uma aproximação qualitativa entre a realidade e a simulação do fazer pedagógico do professor e profissional de Educação Física.

Acreditamos que as experiências no campo de estágio são um investimento no processo de formação de professores reflexivos, pois, as escolas se constituem como lugares de aprendizagem e construção do *pensamento prático* do professor (PÉREZ GÓMEZ, 1996). O *pensamento prático* segundo o autor, a partir dos estudos de Donald Schön, constitui-se na definição de três conceitos diferentes que integram este tipo de pensamento. São eles: o conhecimento na ação, reflexão na ação e reflexão sobre a ação e sobre a reflexão na ação. Nesse sentido, o estágio como prática encontra-se num equilíbrio difícil e instável entre a realidade e a simulação: por um lado, deve representar a realidade da aula e dos espaços de atuação, com suas características de incerteza, complexidade e conflito; por outro lado, deve proteger o aluno-mestre das pressões e riscos da aula real, que excedem a sua capacidade de assimilação e reação racional. Em resumo, deve ser um espaço real onde o aluno-mestre observa, analisa, atua e reflete sobre suas ações. (PÉREZ GÓMEZ, 1996).

Segundo a Resolução do Conselho Nacional de Educação, (CNE/CP nº 2) de 1º de julho de 2015, no Artigo 13, parágrafo 6º:

O estágio curricular supervisionado é componente obrigatório da organização curricular das licenciaturas, sendo uma atividade específica intrinsecamente articulada com a prática e com as demais atividades de trabalho acadêmico.

Diante do esclarecimento, apresentamos, a seguir, as propostas para o estágio do curso de Licenciatura em Educação Física da UEMG Unidade Ibirité. Até o final dos cinco períodos iniciais, os professores em formação do curso de Educação Física tiveram contato com um rol de conteúdos e conhecimentos a respeito das práticas que compõem sua formação. No entanto, o exercício da docência da Educação Física, da vivência na organização de brincadeiras, de esportes, da ginástica, da dança, da luta e de outras manifestações corporais ainda não aconteceu de forma orientada e sistematizada.

Algumas delas têm sido vivenciadas pelos professores em formação em conjunto com outras disciplinas de cunho pedagógico, que têm procurado articular teoria-prática, porém, não foram possibilitadas vivências docentes que envolvem o processo de (organização) ensino-aprendizagem dos temas a partir de realidades concretas.

As propostas de estágio apresentadas a seguir procurarão oferecer experiências que possibilitem aos professores em formação mobilizarem seus conhecimentos e comportamentos construídos na sua trajetória de formação até aqui empreendido em situações de observação de aula e regência de turmas da Educação Infantil, do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da EJA.

Estágio Supervisionado I (5º período) 90 HORAS – Estágio de observação e investigação, sem regência. Conhecendo a escola. Caracterização da escola: Organização oficial do sistema escolar (Rede, documentação que organiza a escola: PPP, Propostas Curriculares, etc.). Da dinâmica escolar: sujeitos, funções, hierarquias, relações de poder, organização administrativa, organização dos tempos e espaços escolares. Arquitetura escolar. Como o encontro com a escola problematiza as memórias sobre os processos de escolarização dos professores em formação. Acompanhar professores de diferentes disciplinas: investigar práticas pedagógicas, dificuldades. Problematizar diferenças e semelhanças na organização do trabalho docente.

Identificar como os professores se relacionam. Investigar as culturas de Educação Física nas escolas.

Estágio Supervisionado II (6º período) 105 HORAS – Observação, investigação e regência na Educação Infantil e Ensino Fundamental (anos iniciais) Professor de Educação Física como mediador cultural. Reflexão sobre o ensino da Educação Física na Educação Infantil. Propor e problematizar práticas pedagógicas na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Regência de aulas.

Estágio Supervisionado III (7º período) 105 HORAS – Observação, investigação e regência no Ensino Fundamental (anos finais) Professor de Educação Física como mediador cultural. Reflexão sobre o ensino da Educação Física na Educação Infantil. Propor e problematizar práticas pedagógicas no Ensino Fundamental.

Estágio Supervisionado IV (8º período) 105 HORAS - Observação, investigação e regência no Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos. Professor de Educação Física como mediador cultural. Reflexão sobre o ensino da Educação Física na Educação Infantil. Propor e problematizar práticas pedagógicas no Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos. Regência de aulas.

Observação: Os professores em formação deverão cumprir 405 horas de estágio divididas em quatro semestres a partir do 5º período. Para a aprovação nos estágios, deverão ser cumpridas, de forma obrigatória, as horas estipuladas no campo de estágio para cada período. Além disso, ao longo de cada estágio, como parte do processo avaliativo, os professores em formação devem produzir e apresentar um caderno de docência que será um instrumento de registro das experiências no campo de estágio em articulação com as disciplinas e outras vivências da formação acadêmica. No estágio final (8º período), a trajetória dos estágios deve ser apresentada em forma de portfólio.

Sobre a escrita do Caderno de Docência

O caderno de docência é um instrumento que auxilia no registro das experiências de estágio e será utilizado como elemento de acompanhamento dos estágios. Possui pelo menos duas características, a primeira é de registro imediato e esquemático. A intenção é anotar impressões, sensações, questões, dúvidas, incômodos e observações de forma mais esquemática para serem desenvolvidas em outro momento. A segunda é justamente uma reflexão mais densa sobre o “que nos passa” (Larossa, 2002) na escola. A prática pedagógica não é exclusivamente determinada por referências teóricas, mas, elas são imprescindíveis para cotejarmos nossa ação como professores (ainda que em formação). Por isso, ler e dialogar com autores, tendo o cotidiano com ponto de partido, é fundamental. Este caderno deve ser um documento sobre as vivências do estágio. Os professores em formação devem identificar-se com os registros, precisam reconhecer sua caminhada nas escolas. Será uma forma de refletir sobre o que pensam, como pensam e por que pensam.

Abaixo segue uma sugestão de organização do caderno de docência.

- Introdução: Caracterização da escola. Detalhes são importantes. Descrição é só uma parte do registro. Produção de uma descrição analítica;
- Registro diário: anotação do dia da observação e/ou intervenção. Os olhares na e para a escola precisam estar atentos, não existe nenhum dia na escola que não mereça alguma reflexão;
- Reflexão pós-observação e/ou observação: Neste momento, a escrita deve ser produzida de forma mais aprofundada, refletindo sobre as questões mais importantes.
- Reflexão final: No final do semestre, deverá ser produzido um texto avaliando os impactos deste estágio na formação. Dissertar sobre sua aprendizagem.

4.5. Prática como componente curricular

A Prática como componente curricular está relacionada às construções próprias da atividade docente articuladas ao conhecimento teórico, e

corresponde a 405 horas vivenciadas pelos graduandos. O envolvimento efetivo desta dimensão da formação no nosso currículo se divide em dois principais contextos: das disciplinas referentes aos conteúdos culturais da Educação Física, tais como os esportes, as danças, as lutas, os jogos, brinquedos e brincadeiras, as ginásticas, a capoeira e as atividades físicas de aventura na natureza, entre outras práticas. O outro eixo está articulado com disciplinas específicas que tratam do desenvolvimento da prática docente em locais de ensino e aprendizagem, de caráter não formal. Desta forma, entende-se que a formação do professor e a construção do seu saber devem estar articuladas necessariamente a uma concepção ampliada de docência.

Articulado a esses espaços não formais e aos componentes curriculares de formação científica e profissional específica, o curso de licenciatura em Educação Física da UEMG/Unidade Ibirité propõe a uma configuração de matriz curricular que se organiza a partir das diferentes experiências formativas que se dão no interior e ao longo do desenvolvimento das disciplinas, e também a partir dos espaços extracurriculares de formação.

Desta forma, elegeu-se, além das disciplinas que tratam especificamente dos conteúdos culturais da Educação Física, quatro disciplinas específicas para articular melhor o processo de ensino e aprendizagem a respeito das práticas como componente curricular. São elas:

- Prática de Ensino I - Escola e Programas de Práticas Corporais
- Prática de Ensino II - Políticas Públicas e Programas Sociais
- Prática de Ensino III - Clubes Esportivos
- Prática de ensino IV - Academias e Escolas de Práticas Corporais

Esse grupo de disciplina terá início no segundo período e se findará no quinto período do curso. Tal proposta justifica-se pela importância de o docente em formação conhecer as diversas possibilidades de atuação na Educação Física, entender que as práticas corporais são produções socioculturais da nossa sociedade e que estão presentes em outros espaços para além do escolar. É importante, ainda, que consigam compreender a possibilidade de articulação entre a escola e outras instituições sociais. A prática será orientada por um professor do curso de formação e será dividida em 27 horas/aula de encontros presenciais na Unidade Universitária e 45 horas/aula de observação

em lócus, também sob a orientação do professor. As aulas na Unidade serão construídas no intuito de promover a reflexão sobre as observações realizadas nos espaços não formais e na intenção de fomentar a compreensão do se tornar professor – como um processo formativo constante e não como algo dado a priori – independente do lugar de atuação.

4.6. Trabalho de conclusão de curso

A constituição da Educação Física como área participativa, reflexiva e crítica no campo científico, deveria envolver múltiplos conhecimentos produzidos historicamente e usufruídos pela sociedade relativos à cultura corporal de movimento.

Estes saberes são necessários à reflexão sobre o sentido das práticas corporais, e das implicações das ações dos professores e professoras de Educação Física no contexto social. Isso exige o estabelecimento de análises críticas em todo o processo de formação dos futuros egressos e devem trazer a marca da influência da sua instituição formadora. Nesse sentido, acreditamos que a Universidade Pública, a partir do seu compromisso social com a excelência de seus cursos de formação, deva priorizar a formação de um futuro professor e professora com capacidades de análise crítica da realidade, para que possa transformá-la.

Dessa forma, a elaboração de uma monografia de final de curso sinaliza o compromisso desta instituição com a formação de um docente completo, que articule teoria e prática de forma consciente e autônoma. Que consiga compreender o fazer docente como um processo constante de pesquisa e intervenção. Para tanto, distribuímos diversas disciplinas ao longo do currículo para que, ao final do curso, o egresso possa ter estabelecido um contato satisfatório com o campo científico da Educação Física.

A monografia deverá ser desenvolvida prioritariamente de forma individual e orientada por um docente da Unidade. Monografias poderão ser desenvolvidas em dupla desde haja o consentimento do docente orientador. Casos excepcionais serão encaminhados ao colegiado do curso para deliberação. A carga horária para elaboração do Trabalho de Conclusão de

curso (TCC) será de 72hs/aula ou 60hs/relógio, prevista na organização curricular do 8º período.

A avaliação do Trabalho de Conclusão de curso será executada por uma banca examinadora composta pelo orientador e, no mínimo, mais um docente. A definição da banca ficará a cargo do orientador. O texto final do TCC deverá encaminhado à banca examinadora com, no mínimo, 7(sete) dias de antecedência à data da apresentação oral. Esta apresentação terá duração média de 90 (noventa) minutos: 20 (vinte) minutos para a apresentação do discente; 30 (trinta) minutos para as considerações dos componentes da banca e respostas; e 10 (dez) minutos para as considerações finais do orientador. Ao final, a banca irá se reunir em local reservado para atribuir uma nota, na escala de 0 (zero) a 100 (cem) pontos, ao trabalho. Tendo em vista as normas estabelecidas no Regimento Geral da UEMG, na Seção VI – Da Avaliação do Rendimento Escolar, será considerado aprovado o discente que alcançar, no mínimo, 60 (sessenta) pontos. Caso o discente seja reprovado, este deverá reelaborar seu trabalho para ser submetido à nova avaliação no semestre subsequente.

4.7. Estrutura curricular

As disciplinas e demais atividades do curso apresentam a carga horária organizada dentro do sistema de créditos, em que 18 horas/aula, que correspondem a 15 horas/relógio e equivalem a 1 crédito.

1º Período									
Disciplina/ Componente curricular	Tipo	Carga Horária				Hora Aula	Hora Relógio	Créditos	Pré-requisito
		Teórica	Prática	EAD	Prática de Formação Docente				
Citologia e Histologia	Obrigatória	36	0	0	0	36	30	2	
Educação Física e Saúde	Obrigatória	36	0	0	0	36	30	2	
Formação e Atuação em Educação Física	Obrigatória	36	0	0	0	36	30	2	
História da Educação	Obrigatória	36	0	0	0	36	30	2	
Iniciação Filosófica	Obrigatória	72	0	0	0	72	60	4	
Jogos, Brinquedos e Brincadeiras	Obrigatória	45	0	0	27	72	60	4	
Leitura e Produção Textual	Obrigatória	36	0	0	0	36	30	2	
Sociedade, Educação e Tecnologias I	Obrigatória	18	18	0	0	36	30	2	
Prática de Ensino I	Obrigatória	27	0	0	45	72	60	4	
TOTAL		342	18	0	72	432	360	24	
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento		0	0	0	0	0	30	2	

2º Período									
Disciplina/ Componente curricular	Tipo	Carga Horária				Hora Aula	Hora Relógio	Créditos	Pré-requisito
		Teórica	Prática	EAD	Prática de Formação Docente				
Anatomia Aplicada à Educação Física	Obrigatória	72	0	0	0	72	60	4	
Atletismo	Obrigatória	45	0	0	27	72	60	4	
Bioquímica	Obrigatória	72	0	0	0	72	60	4	
Prática de Ensino II	Obrigatória	27	0	0	45	72	60	4	
Psicologia da Educação	Obrigatória	72	0	0	0	72	60	4	
Estudos do Lazer	Obrigatória	72	0	0	0	72	60	4	
TOTAL		360	0	0	72	432	360	24	
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento		0	0	0	0	0	30	2	

3º Período									
Disciplina/ Componente curricular	Tipo	Carga Horária				Hora Aula	Hora Relógio	Créditos	Pré-requisito
		Teórica	Prática	EAD	Prática de Formação Docente				
Cinesiologia	Obrigatória	36	0	0	0	36	30	2	Anatomia Aplicada à Educação Física
Lutas e Artes Marciais	Obrigatória	45	0	0	27	72	60	4	
Fisiologia Humana	Obrigatória	72	0	0	0	72	60	4	Bioquímica
Metodologia do Trabalho Científico I	Obrigatória	36	0	0	0	36	30	2	
Prática de Ensino III	Obrigatória	27	0		45	72	60	4	
Sociologia da Educação	Obrigatória	72	0	0	0	72	60	4	
História da Educação Física	Obrigatória	72	0	0	0	72	60	4	
TOTAL		360	0	0	72	432	360	24	
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento		0	0	0	0	0	30	2	

4º Período									
Disciplina/ Componente curricular	Tipo	Carga Horária				Hora Aula	Hora Relógio	Créditos	Pré-requisito
		Teórica	Prática	EAD	Prática de Formação Docente				
Antropologia e Educação	Obrigatória	72	0	0	0	72	60	4	
Educação Física, Teorias Pedagógicas e Construção Curricular	Obrigatória	72	0	0	0	72	60	4	
Práticas Esportivas I	Obrigatória	36	0	0	36	72	60	4	
Fisiologia do Exercício	Obrigatória	72	0	0	0	72	60	4	Fisiologia Humana
Prática de ensino IV	Obrigatória	27	0	0	45	72	60	4	
Sociedade, Educação e Tecnologias II	Obrigatória	18	18	0	0	36	30	2	Sociedade, Educação e Tecnologias I
Práticas Corporais e Meio Ambiente	Obrigatória	18	0	0	18	36	30	2	
TOTAL		315	18	0	99	432	360	24	
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento		0	0	0	0	0	30	2	

5º Período									
Disciplina/ Componente curricular	Tipo	Carga Horária				Hora Aula	Hora Relógio	Créditos	Pré-requisito
		Teórica	Prática	EAD	Prática de Formação Docente				
Comportamento Motor	Obrigatória	72	0	0	0	72	60	4	
Didática I	Obrigatória	72	0	0	0	72	60	4	
Práticas Esportivas II	Obrigatória	36	0	0	36	72	60	4	
Educação Física e Organização Escolar	Obrigatória	36	0	0	0	36	30	2	
Optativa I	Optativa	72	0	0	0	72	60	4	
Optativa II	Optativa	72	0	0	0	72	60	4	
Urgências e Emergências aplicadas à Educação Física	Obrigatória	18	18	0	0	36	30	2	
TOTAL		378	18	0	36	432	360	24	
Estágio Supervisionado I		0	0	0	0	0	90	6	*Educação Física e Organização Escolar
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento		0	0	0	0	0	30	2	

6º Período									
Disciplina/ Componente curricular	Tipo	Carga Horária				Hora Aula	Hora Relógio	Créditos	Pré-requisito / Correquisito*
		Teórica	Prática	EAD	Prática de Formação Docente				
Educação Física e Primeira Infância	Obrigatória	36	0	0	0	36	30	2	
Culturas Afro-brasileiras e Indígenas	Obrigatória	45	0	0	27	72	60	4	
Danças	Obrigatória	45	0	0	27	72	60	4	
Libras	Obrigatória	36	0	0	0	36	30	2	
Optativa III	Optativa	72	0	0	0	72	60	4	
Optativa IV	Optativa	36	0	0	0	36	30	2	
Pesquisas em Educação Física	Obrigatória	36	0	0	0	36	30	2	Metodologia do Trabalho Científico I
Treinamento Esportivo	Obrigatória	36	0	0	0	36	30	2	Fisiologia do Exercício
TOTAL		342	0	0	54	396	330	22	
Estágio Supervisionado II		0	0	0	0	0	105	7	*Educação Física e Primeira Infância
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento		0	0	0	0	0	30	2	

7º Período									
Disciplina/ Componente curricular	Tipo	Carga Horária				Hora Aula	Hora Relógio	Créditos	Pré-requisito / Correquisito*
		Teórica	Prática	EAD	Prática de Formação Docente				
Atividades Aquáticas	Obrigatória	45	0	0	27	72	60	4	
Educação Física, Inclusão e Práticas Corporais Adaptadas	Obrigatória	45	0	0	27	72	60	4	
Políticas Públicas e Educação	Obrigatória	72	0	0	0	72	60	4	
Eletiva	Eletiva	72	0	0	0	72	60	4	
Projeto de Pesquisa	Obrigatória	36	0	0	0	36	30	2	Pesquisas em Educação Física
Educação Física, Segunda Infância e Adolescência	Obrigatória	36	0	0	0	36	30	2	
TOTAL		306	0	0	54	360	300	20	
Estágio Supervisionado III		0	0	0	0	0	105	7	*Educação Física, Segunda Infância e Adolescência
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento		0	0	0	0	0	15	1	

8º Período									
Disciplina/ Componente curricular	Tipo	Carga Horária				Hora Aula	Hora Relógio	Créditos	Pré-requisito / Correquisito*
		Teórica	Prática	EAD	Prática de Formação Docente				
Ginásticas	Obrigatória	45	0	0	27	72	60	4	
Psicologia do Esporte	Obrigatória	72	0	0	0	72	60	4	
Sociologia das Práticas Corporais	Obrigatória	72	0	0	0	72	60	4	
Educação Física, Jovens, Adultos e Idosos	Obrigatória	36	0	0	0	36	30	2	
TOTAL		225	0	0	27	252	210	14	
Estágio Supervisionado IV		0	0	0	0	0	105	7	*Educação Física, Jovens, Adultos e Idosos
Trabalho de Conclusão de Curso		0	0	0	0	0	60	4	Projeto de Pesquisa
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento		0	0	0	0	0	15	1	

4.8. Ementário

Anatomia Aplicada à Educação Física

Corpo humano com ênfase no aparelho locomotor. Organização e estudo das peças anatômicas isoladas. Princípios gerais em anatomia.

Bibliografia Básica

DÂNGELO, J.G.; FATTINI, C.A. Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar. 3ª edição. São Paulo: Editora Atheneu, 2011.

DÂNGELO, J.G.; FATTINI, C.A. Anatomia Básica dos Sistemas Orgânicos. 2ª edição. São Paulo: Editora Atheneu, 2002.

SOBOTTA, J. Coleção atlas de anatomia humana – 3 vol. 23ª Ed. Guanabara Koogan, 2013.

Bibliografia Complementar

KOPF-MAIER, P; WOLF-HEIDEGGER, G. Atlas de Anatomia Humana. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

FREITAS, Valdemar de. Anatomia – Conceitos e Fundamentos. São Paulo: Artmed, 2004.

HERLIHY, Bárbara; MAEBIUS, Nancy K. Anatomia e Fisiologia do Corpo Humano Saudável e Enfermo. 1ed. São Paulo: Manole, 2002.

MACHADO, Ângelo. Neuroanatomia Funcional. Rio de Janeiro/São Paulo: Atheneu, 1991.

MOORE, Keith L.. Anatomia Orientada para a Prática Clínica. 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

Antropologia e Educação

O campo da Antropologia no interior das ciências sociais e humanas – sua especificidade. Estudo de conceitos fundamentais à disciplina, como: cultura, alteridade, diversidade, etnocentrismo e relativismo cultural. A Antropologia e a Educação: a escola como instituição sociocultural. Preconceito e discriminação no contexto escolar.

Bibliografia Básica

LARAIA, R.B. Cultura – um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2000.

LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MELLO, Luiz Gonzaga de. Antropologia Cultural: Iniciação, Teoria e Temas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Bibliografia Complementar

ARROYO, Miguel G. Imagens Quebradas: Trajetórias e Tempos de Alunos e Mestres. Belo Horizonte: Vozes, 2004.

BRANDÃO, C.R. A Educação como Cultura. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

DAYRELL, Juarez. Múltiplos olhares sobre Educação e cultura. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2001.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.

TASSINARI, Antonella. “A educação escolar indígena no contexto da antropologia brasileira”. Ilha: Revista de Antropologia. UFSC, 2008.

Atividades Aquáticas

Contextualização histórica, fundamentos, componentes e procedimentos didático-pedagógicos das atividades aquáticas. A natação utilitária como possibilidade de interação e segurança com o meio aquático. A recreação aquática como componente das aulas de educação física. A competição aquática como prática desportiva e escolar.

Bibliografia Básica

CORREA, C.; MASSAUD, M. Natação na Pré-escola: a natação no auxílio ao desenvolvimento infantil. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.

MAGLISCHO, E. Nadando ainda mais rápido. São Paulo: Manole, 1999.

MASSAUD, Marcelo (Coord. Técnica). Regras oficiais de Natação. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

Bibliografia Complementar

MACHADO, David C. Metodologia da Natação. São Paulo: EPU, 2004.

PALMER, M. L. A ciência do ensino da natação. São Paulo: Manole, 1990.

DELUCA, A. H.; FERNANDES, I. R. Brincadeiras e Jogos Aquáticos: mais de 100 atividades na água. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

GAROFF, G.; CATTEAU, R. O ensino da natação. 3ª Ed. São Paulo: Manole, 1990.

TURCHIARI, Antonio Carlos. Pré-escola de natação. Ícone, 1996.

Atletismo

Pretende-se abordar as modalidades do atletismo. Os pontos básicos a serem abordados serão: pedagogia e didática, aspectos técnicos e regras principais. Discutir a importância e aplicação do atletismo como conteúdo para o ensino na escola e fora dela.

Bibliografia Básica

GEPPA, Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisa em Atletismo. Conversas com quem gosta de Atletismo III. São Paulo. Unesp, 2004.

GEPPA, Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisa em Atletismo. Conversas com quem gosta de Atletismo. São Paulo: Unesp, 2003.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. Atletismo, teoria e prática. Guanabara/RJ. ABDR. 2007.

Bibliografia Complementar

COICEIRO, G. A.. 1000 exercícios e jogos para o atletismo. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO, Regras Oficiais, Rio de Janeiro, RJ, Sprint, 2003.

FERNANDES, José Luis. Atletismo: lançamentos (e arremesso). São Paulo: EPU, 2003.

FERNANDES, José Luis. Atletismo: Corridas. São Paulo: EPU, 2003

FERNANDES, José Luis. Atletismo: Os saltos. São Paulo: EPU, 2003.

FERNANDES, José Luís. Atletismo: Arremessos. São Paulo: E.P.U,1978.

Bioquímica

Propriedades das biomoléculas: água, aminoácidos, proteínas, lipídeos, carboidratos e ácidos nucleicos. Bioenergética celular.

Bibliografia Básica

CAMPBELL, Mary K. **Bioquímica**: Edição Universitária. 3ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

MCARDLE, W.D., KATCH, F.I. & KATCH V.L. **Fisiologia do Exercício** – Energia, Nutrição e Desempenho Humano. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

LEHNINGER, Albert L.; NELSON, David L.; COX, Michael M. **Princípios de bioquímica**. São Paulo: Sarvier, 2002.

Bibliografia Complementar

BERG, J.M.; TYMOCZKO, J.L. & STRYER, L. Bioquímica. Editora Guanabara-Koogan, 2014

VOET, D. & VOET, J.G. Bioquímica. Editora Artmed, 2013.

BERNE, Robert M. et al. Fisiologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

SANTOS, M^a A.. Biologia Educacional. São Paulo: Ática, 1995.

VIEIRA, Enio Cardillo; GAZZINELLI, Giovanni; MARES-GUIA, Marcos. Bioquímica celular e biologia molecular. São Paulo: Atheneu, 2002.

Cinesiologia

Análise cinesiológica do movimento. Artrocinemática, cinética, cinemática. Introdução à biomecânica.

Bibliografia Básica

BERTOTI, D. B.; HOUGLUM, P. A. Cinesiologia Clínica de Brunnstrom – MANOLE. 6ª Ed. 2014.

HALL, SJ. Biomecânica Básica. Guanabara Koogan, 7ª Ed. 2016.

LIPPERT, L.S. Cinesiologia Clínica e Anatomia. Guanabara Koogan, 5ª Ed. 2013.

Bibliografia Complementar

LEHMKUHL, L. D. & Smith, L. D. Cinesiologia Clínica. 5 Ed. São Paulo: Editora Manole, 1989.

HALL, S. J. Biomecânica Básica, 3.ed. Guanabara Koogan, 2005.

LEHMKUHL, L. D.; Smith, L. R. Cinesiologia Clínica Brunnstrom. Manole, 1997.

RASCH, P. J. Cinesiologia e Anatomia aplicada. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

ENOKA, M. R. Bases neuromecânicas da cinesiologia. Manole, 2000.

JOSEPH H. Bases Biomecânicas do Movimento Humano, Manole, 1999.

Citologia e Histologia

Estrutura geral das células. Métodos de estudo em citologia. Trocas entre a célula e o meio. Armazenamento e transmissão da informação genética. Transformação e armazenamento de energia. Processos de síntese de macromoléculas na célula. Digestão intracelular. Citoesqueleto e movimentos celulares.

Bibliografia Básica

JUNQUEIRA, L.C.U. & CARNEIRO, J.L. Biologia Celular e Molecular. Ed. Guanabara Koogan. 9 ed. 2012.

JUNQUEIRA, L.C.U. & CARNEIRO, J.L. Histologia Básica: texto e atlas. Ed. Guanabara Koogan. 12 ed. 2012.

ALBERTS, B.; BRAY, D.; HOPKIN, K. Fundamentos da Biologia Celular. Ed. Artmed. 3 ed. 2011.

Bibliografia Complementar

ALBERTS, B., BRAY, D., HOPKIN, K., JOHNSON, A., LEWIS, J., RAFF, M., ROBERTS, K., WALTER, P. Fundamentos da Biologia Molecular. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ROSS, H. M. & ROMREL, L. J. Histologia: texto e atlas. 2a ed., São Paulo: Panamericana, 1993.

GARTNER, L.P.; HIATT, J. Atlas Colorido de Histologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. 432p.

WELSCH, U. Sobotta, Atlas de Histologia: citologia, histologia e anatomia microscópica. 7.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. 259p.

KIERSZENBAUM, A.L. Histologia e Biologia Celular: uma introdução à patologia. São Paulo: Elsevier, 2004. 680p.

Comportamento Motor

Conhecimento das mudanças desenvolvimentais que ocorrem no comportamento motor ao longo da vida, referenciado nas características e princípios do crescimento, envelhecimento e fases do desenvolvimento motor.

Bibliografia Básica

CORRÊA, U. C. Pesquisa em comportamento motor: a intervenção profissional em perspectiva. São Paulo: Educação Física P, 2008.

SCHMIDT, R. A.; WRISBERG, C. A. Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2001. 352 p.

GALLAHUE, D., OZMUN, J. C. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

Bibliografia Complementar

BRASIL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Educação Física. Brasília: MEC, 1997.

GRECO, P. J. (Org.). Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte: UFMG, 2007, 228 p. (Coleção Aprender; v. 1).

MEINEL, K. Motricidade II: O desenvolvimento motor do ser humano. Rio de Janeiro: Ao livro técnico S/A, 1984.

LEVY, J. O despertar do bebê: prática de educação psicomotora. São Paulo: Martins Fontes, 1982. 141 p.

TEIXEIRA, L. A. Controle Motor. São Paulo: Manole, 2006.

Culturas Afro-Brasileiras e Indígenas

O processo histórico e social do povo africano no Brasil, da cultura afro-brasileira e indígena. Influência de matrizes culturais africanas e indígenas no processo histórico de construção das identidades culturais do povo brasileiro. Análise, problematização e vivência de práticas corporais indígenas e afrodescendentes. Práticas de exclusão e racismo na sociedade brasileira e na escola.

Bibliografia Básica

CAPOEIRA, N. Capoeira: Os fundamentos da malícia. Ed. Record RJ. 1992.

LOPES, E. M. T.; FARIA F., L. M.; VEIGA, C. G. 500 Anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 325-346.

OLIVEIRA, I.; SILVA, P. B. G. Negro e Educação: Identidade Negra – Pesquisas sobre o negro e a educação no Brasil. Rio de Janeiro: ANPEd/Ação Educativa/Fundação Ford, 2003.

Bibliografia Complementar

BRASIL- Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais. Brasília. MEC/SECAD.2006

CAPOEIRA, N. Capoeira: pequeno manual do jogador. Ed. Record. RJ, SP. 7º ed. 2002.

SALVADOR, Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Lei 10639/03 - Educação das relações étnico raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na Educação Fundamental - pasta de textos da professora e do professor.

REGO, W. Capoeira de Angola; ensaio socioetnográfico.Ed. Itapoã. Salvador. Coleção Baiana. 1968.

SILVA, C.D. Negro, qual é o seu nome?. Belo Horizonte: Mazza edições. 1995.

Danças

Contextualização histórica da Dança enquanto prática cultural e suas relações com a Educação Física. Experimentações corporais em dança, tendo em vista o estudo dos fundamentos que organizam o conhecimento em Dança a partir da teoria de Laban. Apreciação e vivência das Danças populares tradicionais Brasileiras e Internacionais. Apresentação de estratégias metodológicas para o ensino da dança na escola e nas aulas de Educação Física.

Bibliografia Básica

BOURCIER, Paul. *História da dança no Ocidente*. 2ª ed. Martins Fontes, 2012.

CAMINADA, Eliana. *História da dança: evolução cultural*. Rio de Janeiro: Sprint, 1999

CÔRTEZ, Gustavo. *Dança Brasil: festas e danças populares*. Leitura, 2000

Bibliografia Complementar

CAMARGO, M. L. *Música/Movimento: um universo em duas dimensões*. Belo Horizonte, Villa Rica, 1994

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. Campinas: Papyrus, 2005. 197p

MARQUES, Isabel A. *Ensino de dança hoje: textos e contextos*. São Paulo, Cortez, 2008.

NANNI, Dionísia. *Dança educação – pré-escola à universidade*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2003

ROSA, Maria Cristina. *Corpo e Movimento: danças folclórica*. Ouro Preto: UFOP, 2012. 142p

Didática I

A trajetória histórica da didática e suas relações com o surgimento da forma escolar moderna. As teorias pedagógicas, suas concepções e pressupostos. O ensino como prática social complexa, que transforma dialeticamente os sujeitos e se efetiva em contextos sociais, culturais, institucionais, espaciais, etc.

Bibliografia Básica

CANDAU, Vera Maria Ferrão (Org.). Didática – questões contemporâneas. Rio de Janeiro: Editora Forma & Ação, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1992. (Coleção Magistério – 2º grau. Série Formação do professor)

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Bibliografia Complementar

CANDAU, Vera Maria (Org.). A didática em questão. 18º ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DALBEN, Ângela; DINIZ, Júlio; LEAL, Leiva; SANTOS, Lucíola (orgs.). Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: didática, formação de professores, trabalho docente. (Coleção Didática e Prática de Ensino). Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública. São Paulo: Loyola, 1989.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. Didática teórica – didática prática; para além do confronto. São Paulo: Loyola, 1989.

NÓVOA, António. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: EDUCA, 2009.

Educação Física e Organização Escolar

Sistematização das discussões da organização da Educação Física no sistema escolar. Formação inicial e formação continuada do Professor de Educação Física; Atuação do Professor de Educação Física. O cotidiano escolar e as implicações pedagógicas para a Educação Física. A gestão escolar e a qualidade do ensino. Constituição e atualização do Projeto Político Pedagógico. A Educação Física como parte integrante da função social da escola. A escola como *locus* significativo no processo de construção da identidade docente. Desenvolvimento de atitude investigativa no contato com a realidade escolar.

Bibliografia Básica

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. O sentido da escola. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2008.

CAPARRÓZ, F. E. . Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola: a Educação Física como componente curricular. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

MOSÉ, Viviane A escola e os desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

Bibliografia Complementar

BARREIRO, Araíde Marques de Freitas; GENBRAN, GENBRAN, Raimunda Abou. Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de professores. São Paulo: AVERCAMP, 2006.

OLIVEIRA, Inês Barbosa; SGARBI, Paulo. Estudos do cotidiano e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROSA, Dalva E. Gonçalves, et. al. Políticas Organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A 2002.

SOUSA, Eustáquia Salvadora. VAGO, Tarcísio Mauro. Trilhas & Partilhas: Educação Física na cultura escolar e nas práticas sociais. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Cultura, 1997.

VEIGA, I. P. (Org.) Projeto Político Pedagógico da Escola: uma construção possível. 40 Ed. Campinas, SP, 1999.

Educação Física e Primeira Infância

Compreensão da Infância como construção histórico social. Estudo das diversas dimensões do desenvolvimento infantil. As relações de gênero, etnia e a Infância. Estudo sobre diferentes abordagens do ensino da Educação Física para a Infância. Diálogo com o campo de estágio para produzir e avaliar práticas pedagógicas de Educação Física que se relacionem com as culturas infantis e com a função social da Escola.

Bibliografia Básica

ANDRADE FILHO, Nelson Figueiredo de (Org.). Educação Física para a Educação Infantil: Conhecimento e especificidade. 1ed. Aracaju: Editora UFS, 2008.

CARVALHO, Alyson; Salles, SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília. (Org.). Desenvolvimento e Aprendizagem. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

FLÔR, Dalânea Cristina; DURLI, Zenilde. (Org.). Educação Infantil e Formação de Professores. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012

Bibliografia Complementar

BARREIRO, Araíde M.; GENBRAN, Raimunda A. Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores. São Paulo: AVERCAMP, 2006.

OSTETTO, L. E. (org). Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores. Papirus, 2008.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KISHIMOTO, Tizuko M.; OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia (orgs.) Em busca da pedagogia da infância: pertencer e participar. Penso, 2013.

VAGO, Tarcísio Mauro. Educação Física na Escola: para enriquecer a experiência da infância e da juventude. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

Educação Física e Saúde

Saúde e doença: Conceitos e perspectivas. Saúde Coletiva e Saúde Pública: Abordagens epistemológicas e especificidades. Promoção da saúde e qualidade de vida: Conceitos e fatores determinantes. Práticas corporais, atividade física, prática de saúde e sua relação com o processo saúde-doença. Humanização da saúde. Inserção do profissional de Educação Física na área da saúde.

Bibliografia Básica

ALMEIDA FILHO, Naomar de. O Que é Saúde? Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2013.

CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de. Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 2016.

FRAGA, Alex Branco; CARVALHO, Yara Maria; GOMES, Ivan Marcelo (Org.). As Práticas Corporais no Campo da Saúde. Rio de Janeiro, Hucitec Editora. 2012.

Bibliografia Complementar

CARVALHO, Yara Maria de; FRAGA, Alex Branco; GOMES, Ivan Marcelo. As Práticas Corporais no Campo da Saúde: Uma política de formação. Hucetec editora. 2015.

CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de. Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 2016.

FRAGA, Alex Branco; WACHS, Felipe. (Org.) Educação física e saúde coletiva: políticas de formação e perspectivas de intervenção. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GONÇALVES, Aguinaldo; VILARTA, Roberto Vilarta (Orgs.). Atividade Física e Qualidade de Vida: Explorando Teoria e Prática. São Paulo. Manole. 2004.

VILARTA, Roberto. A promoção da saúde e a política nacional de saúde: conceitos e aplicações dirigidos ao Programa de Formação Interdisciplinar Superior ProFIS. Campinas: IPES, 2012.

Educação Física, Inclusão e Práticas Corporais Adaptadas

Contextualização histórica das práticas corporais adaptadas. Discussão dos conceitos de exclusão, segregação, integração e inclusão. Conceito de Educação física Adaptada. Análise da legislação. Procedimentos e estratégias metodológicas para questões relativas às pessoas com deficiência nas aulas de educação física. Atividade Física Adaptada para pessoas deficiências. Âmbitos de atuação (escolar, esportivo e recreacional).

Bibliografia Básica

GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Orgs). Atividade Física Adaptada. Barueri-SP, Editora Manole, 2005.

SOUZA, P. A. O Esporte na Paraplegia e Tetraplegia. Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan. 1994.

WNINICK, J. P. Educação Física e Esportes Adaptados. Barueri-SP, Editora Manole, 2004.

Bibliografia Complementar

AQUINO, J. (Org.). Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.

DANGELO, C. Crianças especiais: superando a diferença. São Paulo: EDUSC, 1998.

SKLIAR, C. (Org.). A exclusão da diferença. 2ªed. Porto Alegre: Mediação, 1999.

GORLA, José Irineu; CAMPANA, Mateus Betanho; OLIVEIRA, L. Z. Teste e avaliação em esporte adaptado. São Paulo: Phorte, 2009.

MELLO, Marco Tulio; WINCKLER, C. Esporte paralímpico. São Paulo: Atheneu, 2012.

MANTOAN, M. T. E.; A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema, São Paulo, Ed. SENAC, 1997.

Educação Física , Jovens, Adultos e Idosos

Juventude como construção histórica e social. Estudo sobre o desenvolvimento humano: adultos e idosos. O campo da educação para adultos e idosos. Contribuições de Paulo Freire para a Educação de Adultos. Juventude, adultos e idosos: relações de etnia e de gênero. Educação Física escolar e Ensino Médio. Diálogo com o campo de estágio para produzir e avaliar práticas pedagógicas de Educação Física que se relacionem com as culturas juvenis e com a função social da Escola. Investigação sobre o ensino da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos.

Bibliografia Básica

DAYRELL, J. Múltiplos olhares. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa-21ª Edição- São Paulo. Editora Paz e Terra, 2009.

GONZÁLEZ, F. J.; FRAGA, A. B. . Afazeres da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar. Erechim/RS: Edelbra, 2012.

Bibliografia Complementar

PINTO, Álvaro. Sete lições sobre educação de jovens e adultos. Cortez, 2010.

OLIVEIRA, Inês Barbosa; SGARBI, Paulo. Estudos do cotidiano e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROSA, Dalva E. Gonçalves, et. al. Políticas Organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A 2002

SOUSA, Eustáquia Salvadora. VAGO, Tarcísio Mauro. Trilhas & Partilhas: Educação Física na cultura escolar e nas práticas sociais. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Cultura, 1997.

VAGO, Tarcísio Mauro. Educação Física na Escola: para enriquecer a experiência da infância e da juventude. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

Educação Física , Segunda Infância e Adolescência

Discussão sobre a noção de adolescência: entre a determinação etária e as múltiplas formas de expressão cultural e participação social. Estudo das diversas dimensões do desenvolvimento humano. Gênero, etnia e adolescência. Estudo sobre diferentes abordagens da Educação Física para o Ensino Fundamental. Diálogo com o campo de estágio para produzir e avaliar práticas pedagógicas de Educação Física que se relacionem com as culturas adolescentes/juvenis e com a função social da Escola.

Bibliografia Básica

CARVALHO, Alyson; Salles, SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília. (Org.). Adolescência. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

GONZÁLEZ, F. J.; FRAGA, A. B. . Afazeres da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar. Erechim/RS: Edelbra, 2012.

SANTOS, L. L. C. P.; DALBEN, A. ; DINIZ, J. ; LEAL, L.. (Org.). Coleção Didática e Prática de Ensino. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, v. 1.

Bibliografia Complementar

BARREIRO, Araújo M.; GENBRAN, Raimunda A. Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores. São Paulo: AVERCAMP, 2006.

KISHIMOTO, Tizuko M.; OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia (orgs.) Em busca da pedagogia da infância: pertencer e participar. Em busca da pedagogia da infância: pertencer e participar.

OSTETTO, L. E. (org). Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores. Papirus, 2008.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.

VAGO, Tarcísio Mauro. Educação Física na Escola: para enriquecer a experiência da infância e da juventude. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

Educação Física , Teorias Pedagógicas e Construção Curricular

Cultura, escola e Educação Física. Relação entre a função social da escola e a Educação Física. Especificidade pedagógica da Educação Física e a Educação Física como componente curricular da Educação Básica. Abordagens metodológicas. Processos de seleção cultural dos conteúdos de ensino. O ensino das práticas corporais de movimento na Educação Física escolar.

Bibliografia Básica

FORQUIN, J.C. Escola e cultura. Porto Alegre: Artmed, 1993.

SILVA, T.T da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA JÚNIOR, M. (Org.). Educação Física escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica .Recife: EDUPE, 2011.

Bibliografia Complementar

BRACHT, Valter. Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí: Unijuí, 1999.

DAOLIO, Jocimar. Da cultura do corpo. Campinas: Papirus. 2003.

KOKUBUN, Eduardo et al. Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: Editora EPU, 2006.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ROSA, Dalva E. Gonçalves, et. al. Políticas Organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A 2002

Estudos do Lazer

Lazer como campo de conhecimento interdisciplinar. Trabalho: Origem e transformações sócio-históricas; tempo livre. Teorias do lazer. Lazer e diferentes contextos sociais. Lazer e consumo.

Bibliografia Básica

GOMES, Christianne Luce; ISAYAMA, Helder Ferreira. (Org.) O direito social ao lazer no Brasil. Campinas. Autores Associados. 2015.

PADILHA, Valquíria. (Org.) Dialética do Lazer. São Paulo. Cortez, 2006.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. (Org.) Teorias do lazer. Maringá. Editora da Universidade Estadual de Maringá. 2010.

Bibliografia Complementar

ISAYAMA, Hélder Ferreira; OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. Produção de conhecimento em Estudos do Lazer. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2014.

MACIEL, Marcos Gonçalves. Lazer corporativo: Estratégias para o desenvolvimento dos recursos humanos. São Paulo, Phorte, 2009.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e sociedade: Múltiplos olhares. São Paulo, Alínea. 2008.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e Cultura. Campinas. Alínea. 2007.

WAICHMAN, Pablo. Tempo livre e recreação. Campinas, Papirus, 1997.

Fisiologia do Exercício

Estudo dos ajustes agudos e crônicos dos sistemas fisiológicos (metabólico, nervoso, muscular, respiratório, cardiovascular, termorregulatório e hormonal) em resposta ao exercício físico. Abordagem sobre os cálculos metabólicos em diferentes tipos de exercícios físicos e seu uso para a prescrição.

Bibliografia Básica

SCOTT, Powers. K.; HOWLEY, E.T.. Fisiologia do Exercício: Teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho. São Paulo: Manole, 8ª Ed., 2014.

MCARDLE, W.; KATCH, F.I.; KATCH, V.L. Fisiologia do Exercício: Energia, Nutrição e Desempenho Humano. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 7ª Ed. 2011.

WILMORE. Jack.H.; COSTILL, David.L; KENNEY, W. Larry. **Fisiologia do Esporte e do Exercício**. São Paulo: Manole, 5ª Ed. 2013.

Bibliografia Complementar

THOMPSON, P. D.; RIEBE, D; PESCATELLO, L.S.; ARENA, R. Diretrizes do ACSM - Para Os Testes de Esforço e sua Prescrição - Guanabara Koogan - 9ªed. 2014.

ACSM. Manual ACSM Para Avaliação da Aptidão Física Relacionada À Saúde - Guanabara Koogan. 3ª Ed. 2011.

BERNE, R. M.; LEVY, M. N. & KOEPEN, B. M. Fisiologia. 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

DÂNGELO, J. G. & FATTINI, C. A. Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar. 3ª edição. São Paulo: Atheneu, 2011.

GUYTON, A. C. & HALL, J. E. Tratado de Fisiologia médica. 10ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

Fisiologia Humana

Estudo dos mecanismos e funções gerais das células e sistemas fisiológicos e sua relação com a homeostasia e o ambiente. Identificação, análise, regulação e controle dos fenômenos físico-químicos e os parâmetros fisiológicos.

Bibliografia Básica

GUYTON, A.C.; HALL, J.E. Tratado de fisiologia médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 12ª Ed, 2011.

AIRES, M. Fisiologia. Guanabara Koogan, 4ª Ed, 2012.

CONSTANZO, L. Fisiologia. Elsevier, 5ª Ed, 2014.

Bibliografia Complementar

GUYTON, A. C. & HALL, J. E. Fisiologia humana e mecanismos das doenças. 6ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

DÂNGELO, J. G. & FATTINI, C. A. Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar. 2ª edição. São Paulo: Atheneu, 2001.

MOORE, K. L. Anatomia Orientada para a Prática Clínica. 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

GUYTON, A. C. & HALL, J. E. Tratado de Fisiologia médica. 10ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

WELSCH, U. Sobotta, Atlas de Histologia: citologia, histologia e anatomia microscópica. 7.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. 259p.

Formação e Atuação em Educação Física

Reflexão sobre o processo formativo e as possibilidades de atuação. Compreensão da relevância da Educação Física como disciplina curricular. Conhecimento geral da Educação Física como campo de intervenção profissional e área de conhecimento. Preparação profissional e identidade docente. Compreensão da Educação Física como área que aborda as práticas corporais em suas dimensões culturais, sociais e biológicas. Relação da Educação Física com as diferentes produções culturais.

Bibliografia Básica

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia de ensino da Educação Física . São Paulo: Cortez, 1992.

DAYRELL, J. T. Múltiplos olhares sobre Educação e cultura. Editora UFMG. Belo Horizonte – MG, 2001.

DAOLIO, Jocimar. Educação Física e o Conceito de Cultura: polêmicas do nosso tempo. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2007.

Bibliografia Complementar

BRACHT, Valter. Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí: Unijuí, 1999.

DAOLIO, Jocimar. Da cultura do corpo. Campinas: Papirus. 2003.

LINHALES, Meily Assbú. A Escola e o Esporte: Uma História de Prática. São Paulo: Cortez, 2009.

VAGO, Tarcísio Mauro. Educação Física na Escola: para enriquecer a experiência da infância e da juventude. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

ROSA, Dalva E. Gonçalves, et. al. Políticas Organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A 2002

Ginásticas

Contextualização histórica da ginástica na Educação Física. Os elementos constitutivos das ginásticas esportivizadas na Educação Física escolar. Procedimentos e estratégias metodológicas para o ensino das ginásticas (Rítmica, artística, aeróbica, trampolim, acrobática, para todos/geral) na escola e nas aulas de Educação Física. Estudo da ginástica como uma construção cultural sempre em movimento. Abordagem das diversas manifestações gímnicas e circenses em outros contextos sociais.

Bibliografia Básica

AYOUB, Eliana. Ginástica geral e Educação Física escolar. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

TOLEDO, E.; SILVA, P. C. C. Democratizando o ensino da ginástica. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013.

GAIO, R. et al. Ginástica e Dança: no ritmo da escola. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2010.

Bibliografia Complementar

DAÓLIO, J.; VELOZO, E. A técnica esportiva como construção cultural. In: PENSAR A PRÁTICA 11/1: 9-16, jan./jul. 2008.

NUNOMOURA, M.; NISTA-PICCOLO, V. A GINÁSTICA ARTÍSTICA NO BRASIL: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 24, n. 3, p. 175-194, maio 2003.

CARRASCO, Roland. Tentativa de sistematização da aprendizagem: ginástica olímpica. São Paulo: Manole, 1982.

CESCA, Cleuza G. Gimenes. Organização de Eventos: Manual para planejamento e execução. 6ª. ed. São Paulo: Summus, 1997.

MARTINS, Sissi. Ginástica rítmica desportiva: aprendendo passo a passo. Rio de Janeiro: Shape, 1999.

História da Educação

Bases epistemológicas, metodológicas e teóricas da História e da História da Educação. História da Educação no Brasil. Educação na América Portuguesa, no Brasil Imperial e na Primeira República: estudo das instituições escolares, das políticas educacionais e das práticas educativas não escolares. A modernidade republicana: o otimismo pedagógico e a Escola Nova. A educação na Era Vargas. A educação na República Populista. A Educação e o Regime Militar. As Perspectivas e os Desafios da Educação no Brasil na contemporaneidade.

Bibliografia Básica

BOMENY, Helena. Os intelectuais da educação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001.

FARIA FILHO, Luciano Mendes, VEIGA, Cyntia Greive. (org.). 500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. PP. 325-346.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. História da Educação Brasileira: Leituras. São Paulo: Centage Learning, 2011.

Bibliografia Complementar

CAMBI, Franco. História da Pedagogia. São Paulo: Unesp, 1999.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e, VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). História da Educação: temas e problemas. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. História da Educação. São Paulo: Cortez, 1990.

MARROU, Henri-Irénée. História da Educação na Antiguidade. São Paulo: Herder/Universidade de São Paulo, 1969.

VEIGA, Cíntia Greive. História da Educação. São Paulo: Ática, 2007.

História da Educação Física

Diálogos possíveis entre os campos científicos da História e da Educação Física; contribuições da História para refletir sobre a Educação Física na sociedade moderna e na escola. Investigação da história da Educação Física e de seu conhecimento específico; reflexão crítica das concepções, características e influências, relacionando-as ao desenvolvimento socioeconômico, político e educacional do nosso contexto.

Bibliografia Básica

CASTELANI, Lino. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. São Paulo: Papirus, 2003.

LINHALES, Meily. A escola e o esporte: uma história de práticas culturais. São Paulo: Contez, 2009.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física , raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.

Bibliografia Complementar

SOARES, Carmen L. Imagens da Educação no corpo. Autores Associados, 2002.

MELO, Victor Andrade de. O esporte vai ao cinema. SENAC Nacional, 2005.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. A Gymnastica no tempo do Império. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.) História do esporte no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

VAGO, Tarcísio M.; OLIVEIRA, Bernardo J. de (orgs.). Histórias de Práticas Educativas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

VIGARELLO, Georges; CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques (orgs.). História do Corpo. Vozes, 2011.

Iniciação Filosófica

Origens do pensamento ocidental: transição da cosmovisão mítica para filosofia; natureza do saber filosófico. A ideia de ciência na Antiguidade Clássica. Ciência moderna e fundamentação filosófica: racionalismo, empirismo e criticismo. Crítica da racionalidade instrumental. A educação e a dimensão ética do agir humano: teorias éticas; questões éticas atuais.

Bibliografia Básica

ARANHA, Maria Lúcia. Filosofando: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2001.

MARCONDES, Danilo. Iniciação à História da Filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Bibliografia Complementar

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. Martins Fontes. São Paulo 1998.

DESCARTES, René. Discurso do método; As paixões da alma; Meditações. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

HOBBS, Thomas. Leviatã, ou, Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

PLATÃO. A República. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

REALE, Giovanna, ANTISERI, Dante. História da filosofia: antiguidade e Idade Média. 6ed. São Paulo: Paulus, 1990.

Jogos, Brinquedos e Brincadeiras

Abordagem do tema dos jogos, brinquedos e brincadeiras, compreendendo-os como conhecimentos e construções socioculturais produzidas legitimadamente pelas crianças. Discussão acerca dos sentidos e significados atribuídos a essas práticas, assim como sua importância na formação integral das pessoas. Conhecimento e vivência no ensino dos jogos, os brinquedos e as brincadeiras.

Bibliografia Básica

BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. Duas Cidades/Editora 34, 2004.

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e Cultura – questões da nossa época. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brincar e suas teorias. Cengage Learning Editores, 2008.

Bibliografia Complementar

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 136-161, 1996.

DEBORTOLI, José Alfredo. As crianças e a brincadeira. In: CARVALHO, SALLES & GUIMARÃES (orgs.) Desenvolvimento e Aprendizagem. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. p.77-88

FARIA, Eliene Lopes. Apesar de você: o brincar no cotidiano na escola. Licere, Belo Horizonte, v. 5, n.1, p.13-22, 2002.

GOMES, Ana Maria Rabelo; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. A criança e a cidade: entre a sedução e o perigo. DEBORTLI; MARTINS; MARTINS, S.(Org.). Infâncias na metrópole. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 47-70, 2008.

MURTA, Adelsin. Barangandão arco-íris: 36 brinquedos inventados por meninos. Belo Horizonte: Lapa Cia. de Ação Cultural, 1997.

Leitura e Produção Textual I

Língua como atividade social: relação entre oralidade e escrita, variação e norma, gêneros e tipos textuais. A formação do leitor: estratégias e processos associados à leitura. A produção textual: coesão, coerência, elementos da textualidade e aspectos gramaticais. O processo de autoria e a escrita no espaço acadêmico.

Bibliografia Básica

COSTA VAL, Maria da Graça. Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FARACO, Carlos. A. & TEZZA. C. Prática de texto para estudantes universitários. Petrópolis: Vozes, 2001.

KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B.; MARINELLO, A. F. Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

Bibliografia Complementar

FÁVERO, Leonor L. Coesão e coerência textuais. São Paulo: Ática, 2004.

MACHADO, Ana Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. Planejar gêneros acadêmicos. São Paulo: Parábola Editorial. 2009.

KOCH, Ingedore Villaça. Texto e Coerência. São Paulo: Cortez, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça. A Coesão Textual. São Paulo: Contexto, 2004.

MACHADO, Ana Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. Resenha. São Paulo: Parábola Editorial. 2009.

Libras

O reconhecimento da Língua de Sinais Brasileira como de expressão e comunicação da comunidade surda. O percurso histórico educacional, social e legislativo, a linguística aplicada, a aquisição de vocabulário, o processo de comunicação e conversação. A atuação do professor bilíngue na comunicação com surdos.

Bibliografia Básica

ALMEIDA, Elizabeth Crepaldi; DUARTE, Patrícia Moreira. Atividades Ilustradas em Sinais de Libras. Rio de Janeiro; Reivinter, 2004.

BOTELHO, Paula. Linguagem e letramento na educação dos surdos? Ideologia e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autentica 2006.

QUADROS, Ronice Muller de. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artemed, 2004.

Bibliografia Complementar

CAPOVILLA, F. C; Raphael, W. D. In: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue de sinais brasileira. São Paulo: Edusp, vol. I e II.

GESUELI, Z.; KAUCHAKJES, S.; Silva I. Cidadania, surdez e linguagem, desafios e realidades. São Paulo; Plexus, 2003.

BERGAMASCHI, R.I e MARTINS, R.V.(Org.) Discursos Atuais sobre a surdez. La Salle, 1999

GESSER, Audrei. LIBRAS? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, A. C. A representação social da surdez: entre o mundo acadêmico e o cotidiano escolar. In: FERNANDES, E (Org.) Surdez e Bilinguismo. 2. ed. Editora Mediação. Porto Alegre, 2008. pp. 39-50.

Lutas e Artes Marciais

Estudos teórico-práticos sobre Lutas e Artes Marciais, bem como suas relações com a Educação Física. Noções em lutas e artes marciais. Ensino do conteúdo por meio de procedimentos pedagógicos. Ensino e reflexões das Lutas e Artes Marciais em contextos formais e não formais.

Bibliografia Básica

BULL, W. **Aikido: O caminho da Sabedoria**: Dobun História e Cultura. 10ª. Ed. São Paulo: Pensamento, 2012.

KANO, J. **Judô Kodokan**. São Paulo: Cultrix, 2008, 271 p.

LICHTENSTEIN, K. **A Filosofia da Defesa Israelense**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Bibliografia Complementar

ANTUNES, C. Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender. Porto Alegre: Artmed, 2002. 172 p.

BRASIL, PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Educação Física. Brasília: MEC, 1997.

GRECO, P. J. (Org). Iniciação Esportiva Universal: Da Aprendizagem Motora ao Treinamento Técnico. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

MEINEL, K.; SCHNABEL, G. Motricidade I: teoria da motricidade esportiva sob o aspecto pedagógico. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984. 257 p.

BULL, W. J. Aikido: o caminho da sabedoria: a técnica. 10ª Ed. São Paulo: Pensamento, p 496, 2005.

Metodologia do Trabalho Científico I

Tipos de conhecimentos. Introdução ao conhecimento científico: história e desenvolvimento das ciências. Fundamentos da Investigação Científica: métodos e técnicas de pesquisa. Organização e Técnicas de Estudo. A redação Acadêmica: aplicação das Normas ABNT para trabalhos científicos.

Bibliografia Básica

FRANÇA, J. L. Manual para normalização de publicações técnico-científicas. 9.ed.. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. Reimpressão 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

Bibliografia Complementar

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. Metodologia do trabalho científico. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

FACHIN, Odília. Fundamentos de Metodologia. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

MEDEIROS, J. B. Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 11. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MATTAR, João. Metodologia Científica na era da Informática. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Pesquisas em Educação Física

Apresentação dos tipos de pesquisa no campo da Educação Física. Introdução dos métodos quantitativos e qualitativos de investigação.

Bibliografia Básica

CRESWELL, Jonh W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BETH, M. Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação. Ijuí: Unijuí, 2009.

THOMAS, J. R. Métodos de pesquisa em atividade física. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Bibliografia Complementar

FACHIN, Odília. Fundamentos de Metodologia. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

MARCONI, M. A., LAKATOS, E. M. Metodologia do trabalho científico. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MATTAR, João. Metodologia Científica na era da Informática. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

MEDEIROS, J. B. Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas.11. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social – Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009

Políticas Públicas e Educação

Concepções teóricas de Estado e Governo. Democracia e Cidadania; conceitos. Direitos civis, políticos e sociais, em diferentes Constituições Brasileiras. Estado-Nação e políticas sociais: do Estado do Bem-Estar Social ao Estado Neoliberal e Pós-Neoliberal. Contexto político social do Brasil contemporâneo. Política educacional no Brasil e educação do cidadão. Organização do sistema de ensino brasileiro. Legislação da Educação Básica. Democratização do ensino. Ação política e processos de organização das demandas sociais. Gestão das instituições de ensino. O Estado de Bem-Estar social no século XXI.

Bibliografia Básica

BRASIL. CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988. Ministério da Educação e Cultura, 2005.

BRASIL. LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Ministério da Educação e Cultura, 1996.

HOCHMAN, Gilberto; ARRETCHE, Marta T. S.; MARQUES, Eduardo Cesar. Políticas públicas no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2007. 397p. : il. ISBN 9788575411247

Bibliografia Complementar

FERREIRA, Elisa Bartolozzi. Políticas Educativas no Brasil no tempo de crise. In: FERREIRA, Elisa Bartolozzi; OLIVEIRA, Dalila A. (orgs) Crise da escola e políticas educativas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 253-270.

HOFLING, Heloísa de Mattos. Estado e políticas (públicas) sociais. Cad. CEDES [online]. 2001, vol.21, n.55, pp. 30-41. ISSN 1678-7110.

LUIZ, Lindomar Teixeira. A origem e a evolução da cidadania. Colloquium Humanarum, v. 4, n.1, Jun. 2007, p. 91-104.

OLIVEIRA, D. A. Educação básica: gestão do trabalho e da pobreza. Petrópolis: Vozes, 2000.

PORTO, Lorena Vasconcelos; DELAGADO, Mauricio Godinho (Org.). O estado de bem-estar social no século XXI. São Paulo: LTr, 2007. 200 p. ISBN 9788536109879

Prática de Ensino I

Análise da construção histórica do processo de formação inicial e da construção da identidade docente. Construção de conhecimentos acerca da especificidade do trabalho docente e da área da Educação Física em diferentes campos de conhecimento. A organização do conhecimento escolar por projetos. Os projetos de práticas corporais e o conhecimento integrado. A lógica dos tempos escolares e as atividades/projetos que acontecem em seus espaços. Análise, diagnóstico e avaliação do ambiente escolar e a criação e desenvolvimento de projetos de práticas corporais.

Bibliografia Básica

CASTRO, C. L. F.; GONTIJO, C. R. B.; DIAS, D. S. (orgs). Políticas públicas de educação: a inclusão e a diversidade. Barbacena: EdUEMG, 2015.

MARCELO, C. Formação de professores: para uma mudança educativa. Coleção Ciência da Educação. Porto, 2013.

ZATTI, V. Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

Bibliografia Complementar

DAYRELL, Juarez T. Múltiplos olhares sobre Educação e cultura. Belo Horizonte:UFMG, 2001.

Educação integral: texto referência para o debate nacional. Brasília: MEC, SECAD, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, Coleção Leitura, 1996.

HERNÁNDEZ, F; VENTURA, M. A organização do currículo por projetos de trabalho: O conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

ZATTI, Vicente. Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

Prática de Ensino II

Estado e Sociedade. Política e teorias das políticas públicas. Políticas sociais e suas relações com esporte e lazer. Processos de produção, implementação e avaliação de políticas de Educação Física, Esporte e Lazer no Brasil. Gestão pública de Educação Física, Esporte e Lazer e processos decisórios: mecanismos, financiamentos e ordenamentos legais. Estudo de políticas públicas e institucionais com ênfase em lazer, esporte, meio ambiente, educação, saúde e cultura com metodologia das práticas corporais. Práticas de ensino em programas sociais de esporte e lazer, bem como em espaços de gestão e decisão de políticas públicas. Ong's e suas organizações na sociedade.

Bibliografia Básica

ALMEIDA, D. F.; FIGUEIREDO, P. O.; ATHAYDE, P. F. Política, lazer e formação. Brasília: Thesaurus, 2010.

MELO, V. A. Lazer e Minorias Sociais. São Paulo. IBRASA, 2003.

RUA, M. G. Análise de políticas públicas: conceitos básicos. In: O Estudo da Política: Tópicos Seleccionados. Ed. Brasília: Paralelo 15, 1998.

Bibliografia Complementar

RIBEIRO, S. P.; Políticas sociais: reflexões entre esporte e cidadania. Anais da 35º Encontro Anual da Anpocs.

PIRES, G. L. A escola, a educação física e as políticas públicas: quais são os projetos para o esporte escolar? I REUNIÃO ANUAL DO PRO EFE/EEFFTO/UFMG 2002.

REIS, L. J. A.; STAREPRAVO, F. A. Políticas Públicas para o Lazer: Pontos de vista de alguns teóricos do Lazer no Brasil. Licere, Belo Horizonte, v.11, n.2, ago./2008.

TEIXEIRA, S. M. F. Política social e democracia: reflexões sobre o legado da seguridade social. Caderno de Saúde Pública, RJ., 1 (4): 400-417, out/dez, 1985.

TUBINO, M. Estudos Brasileiros sobre o Esporte: ênfase no esporte educação. Maringá: EDUEM, 2010. 163 p.

Prática de Ensino III

Aspectos históricos, culturais, políticos e legais relacionados à criação e desenvolvimento dos clubes no Brasil e em Minas Gerais. O Lazer como direito constitucional. A gestão dos clubes e das práticas corporais. O perfil e a identidade dos professores e professoras que atuam nesse ambiente. A organização dos tempos e dos espaços. O clube como espaço educativo.

Bibliografia Básica

SILVA, D. A. M. A colônia de férias temática e a questão da humanização. In: SILVA, Débora Alice Machado da (org.). Experiências com o lazer em colônia de férias temática. Campinas, SP. Editora Alínea, 2012.

SILVA, Marco Ruiz da. Temas para administração de clubes sócio recreativos. São Paulo, SP: Factash Editora, 2010.

GOMES, C. L.; HISAYAMA, H. F. Lazer, recreação e educação física. Belo Horizonte: Autêntica, 2013

Bibliografia Complementar

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 2008.

SCHWARTZ, G. M. Educação Física no nível superior: atividades recreativas. Editora Guanabara Koogan: SP, 2004.

PINTO, L. M. S.; MARCELLINO, N. C.; ZINGONI, P. Como Fazer Projetos de Lazer: Elaboração, Execução e Avaliação. Papirus, 2007.

ISAYAMA, H. F. LAZER EM ESTUDO: CURRÍCULO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL. CAMPINAS /SP: PAPIRUS, 2010.

Rein, I., Kotler, P. & Shields, B. Marketing esportivo: A reinvenção do esporte na busca de torcedores. Bookman, Porto Alegre, 2008.

Prática de Ensino IV

Aspectos históricos, culturais, políticos e legais relacionados à criação e desenvolvimento das academias, escolas de dança e escolas de esporte, e outros espaços dedicados a saúde coletiva no Brasil e em Minas Gerais. O Lazer como possibilidade de construção e organização do ambiente. O perfil e a identidade dos professores e professoras que atuam nesse ambiente. A gestão e a organização dos tempos e dos espaços. As academias, as escolas de dança e as escolas de esporte como espaços educativos.

Bibliografia Básica

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde na escola / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

ACSM. Manual ACSM Para Avaliação da Aptidão Física Relacionada À Saúde - Guanabara Koogan. 3ª Ed. 2011.

VASCONCELOS, Mara; GRILLO, Maria José Cabral; SOARES, Sônia Maria. Práticas Pedagógicas em Atenção Básica à Saúde: Tecnologias para abordagem ao indivíduo, família e comunidade. Editora UFMG; NESCON/UFMG, 2009.

Bibliografia Complementar

BENEVIDES, Regina; PASSOS, Eduardo. A humanização como dimensão pública das políticas de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 10, n. 3, p. 561-571, 2005.

CAMPOS, Maurício de Arruda. *Musculação: diabéticos, osteoporóticos, idosos, crianças, obesos*. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

JUNIOR, Mario Renato De Azevedo; ARAÚJO, Cora Luiza Pavin; PEREIRA, Flávio Medeiros. Atividades físicas e esportivas na adolescência: mudanças de preferências ao longo das últimas décadas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 20, n. 1, p. 51-58, 2006.

NOVAES, J. *Ginástica em academia no Rio de Janeiro: uma pesquisa histórico-descritiva*. Rio de Janeiro: Sprint, 1991.

SANTOS, Glauco Evangelista dos; SILVESTRINI, Jeferson; SILVA, Vladimir Ribeiro. Comparação entre o perfil do profissional de academia de musculação e o perfil do profissional da Educação Física escolar. *Lect Educ Fis Deportes*, v. 12, 2008.

Práticas Corporais e Meio Ambiente

Práticas corporais de aventura e natureza. Relações entre ambiente, lazer e sociedade no mundo contemporâneo. Críticas ecológicas à lógica consumista e de maximização produtiva das sociedades modernas. Ética e desenvolvimento sustentável.

Bibliografia Básica

CARVALHO, I. C. M. A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. pp.35-67.

McCORMICK J. Rumo ao Paraíso: A história dos movimentos ambientalistas. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992. pp.15-42.

DIAS, C. A. G.; ALVES JUNIOR, E.D. Em busca da aventura: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza. Niterói: EdUFF, 2009.

Bibliografia Complementar

Lazer & sociedade/ Escola de artes, ciências e humanidades da Universidade de São Paulo. Lazer e ambiente: propostas, tendências e desafios. - Set., 2011. – São Paulo: EACH/USP: Aleph, 2011-v.; 23cm.

SIGAUD, L. Efeitos sociais de grandes projetos hidrelétricos: as barragens de Sobradinho e Machadinho. In ROSA, L. P. et. al. Impactos de grandes projetos hidrelétricos e nucleares. Rio: Marco Zero, 1988.

LASCOUMES, P. L'Éco-pouvoir: environnements et politiques. Paris: La Découverte, 1994.

SILVEIRA, C.; ALMEIDA, J. Biossegurança e democracia: entre um espaço dialógico e novos fundamentalismos, Revista Sociedade e Estado, vol. 20, n. 1, 2005. p. 73-102.

BENTHIEN, P. F. Transgenia e Nanotecnologia: Uma reflexão acerca da relação entre modernidade, novas tecnologias e informação. Revista Theomai, Buenos Aires, n.18, jun/dez,2008.

CARVALHO, I. M.; STEIL, C. A sacralização da natureza e a “naturalização” do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. Ambiente & Sociedade. Campinas-SP, Vol. 11, n. 02, jul-dez/2008, pp. 289-305.

Práticas Esportivas I

Estudo da história e evolução dos esportes de invasão. Métodos de ensino dos fundamentos técnicos, táticos e das habilidades motoras. Planejamento do processo de ensino-aprendizagem no âmbito da Educação Física.

Bibliografia Básica

GRECO, Pablo Juan, (org). Iniciação esportiva universal. Belo Horizonte, Ed. UFMG, v.2. 1998.

KRÖGER, C.; ROTH, K. Escola da Bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. 2.ed. São Paulo:

BRACHT, V. Sociologia crítica do esporte. Vitória: UFES, 1997.

Bibliografia Complementar

COHN, Clarice. “Noções sociais de infância e desenvolvimento infantil”. In: Cadernos de Campo. Ano 10, vol.9,p.13-26, 2000.

COLL, C. P.J. & MARCHESI, A. (orgs.) Desenvolvimento Psicológico e Educação - vol 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DAYRELL, Juarez. Múltiplos olhares sobre Educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

JUNIOR, H.F. A Dança dos Deuses: futebol, sociedade e cultura. Editora Companhia das Letras, 2007.

PAES, R. R. BALBINO, H. F. (Org). Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guranabara Koogan, 2005.

Práticas Esportivas II

Estudo da história e evolução dos esportes de alternância. Métodos de ensino dos fundamentos técnicos, táticos e das habilidades motoras. Planejamento do processo de ensino-aprendizagem no âmbito da Educação Física.

Bibliografia Básica

GRECO, Pablo Juan, (org). Iniciação esportiva universal. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2v 1998.

KRÖGER, C.; ROTH, K. Escola da Bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. 2.ed. São Paulo:

PAES, R. R. BALBINO, H. F. (Org). Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guranabara Koogan, 2005.

Bibliografia Complementar

BRACHT, V. Sociologia crítica do esporte. Vitoria: UFES, 1997.

COHN, Clarice. “Noções sociais de infância e desenvolvimento infantil”. In: Cadernos de Campo. Ano 10, vol.9,p.13-26, 2000.

COLL, C. P.J. & MARCHESI, A. (orgs.) Desenvolvimento Psicológico e Educação - vol 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DAYRELL, Juarez. Múltiplos olhares sobre Educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

JUNIOR, H.F. A Dança dos Deuses: futebol, sociedade e cultura. Editora Companhia das Letras, 2007.

Projeto de Pesquisa

Aplicação dos conceitos básicos e tipologias de pesquisa para elaboração do projeto do trabalho de conclusão de curso. Levantamento e leitura da bibliografia básica. Construção do método de investigação.

Bibliografia Básica

BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas. Petrópolis: Vozes, 1990.

GIL, A.C . Como Delinear uma Pesquisa Bibliográfica. In: _____. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MOLINA N. V. e TRIVIÑOS, A. (orgs.). A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Sulina, 2004.

Bibliografia Complementar

BETH, M. Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação. Ijuí: Unijuí, 2009.

CRESWELL, Jonh W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FACHIN, Odília. Fundamentos de Metodologia. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

MATTAR, João. Metodologia Científica na era da Informática. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social – Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009

Psicologia e Educação

O nascimento da Psicologia como ciência e a diversidade teórica das escolas psicológicas. Teorias do desenvolvimento e aprendizagem, suas implicações e problematizações na Educação: o Comportamentalismo, o Construtivismo, a Teoria Sócio-histórica e a Psicanálise. Diálogos da Psicologia com as práticas educativas atuais operadas nos espaços formais e informais de Educação, envolvendo a atividade docente, as relações ensino-aprendizagem, a interação professor-aluno e os temas transversais.

Bibliografia Básica

COLL, C., MARCHESI, A., PALACIOS, J. Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação escolar. Volume 2. Porto Alegre: Artmed editora, 2004.

CÓRIA-SABINI, M. A. Fundamentos de Psicologia Educacional. São Paulo: Editora Ática, 1995.

GOULART, I. B. Psicologia da Educação: fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica. (9ªed.). Petrópolis: Vozes, 2002.

Bibliografia Complementar

COLL, C. O Construtivismo em sala de aula. São Paulo: Ática, 1996.

COUTINHO, M. T. C.; MOREIRA, M. Psicologia da educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltado para a educação. Belo Horizonte: Editora Lê, 1999.

DAVIDOFF, L. Introdução à Psicologia. São Paulo: McGraw – Hill, 1983.

REGO, Tereza Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCHULTZ, Duane P. História da psicologia moderna. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

Psicologia do Esporte

A Psicologia do Esporte como Ciência. Ênfase nos processos psico-sociais aplicados ao ambiente escolar. Análise de processos cognitivos, comportamentais, emocionais e sociais na área de Educação Física, Esporte, Recreação e Saúde. Aspectos de grupo: comunicação e liderança esportiva.

Bibliografia Básica

COLL, C. P.J. & MARCHESI, A. (orgs.) Desenvolvimento Psicológico e Educação - vol 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SAMULSKI, D. M. Psicologia do Esporte: Manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia. 1. ed. São Paulo: Manole, 2002.

SCHMIDT, R. A. Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

Bibliografia Complementar

COLL, C. P.J. & MARCHESI, A. (orgs.) Desenvolvimento Psicológico e Educação - vol 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

RUBIO, Kátia. Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção. Casa do Psicólogo, 2000.

SAMULSKI, D. Psicologia do Esporte: um manual para Educação Física, psicologia e fisioterapia. Barueri: Manole, 2009.

SCHMIDT, R. A. Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

WEINBERG, R.S.; GOULD, D. Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício. 2008

Sociedade, Educação e Tecnologias I

A informação e o conhecimento na estruturação e organização da sociedade contemporânea. Tecnologia como processo de transformação cultural e social. Abordagens metodológicas e epistemológicas na Educação mediada pelas Tecnologias Digitais. Educação e Tecnologia: saberes, práticas, habilidades. Fontes de informação na internet, produção e difusão do conhecimento. Avaliação e qualidade das fontes de informação na internet.

Bibliografia Básica

PINTO, Álvaro Vieira. O Conceito de Tecnologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. v.1.

TOMAÉL, Maria Inês. Fontes de informação na Internet. Londrina: EDUEL, 2008. 176 p.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

Bibliografia Complementar

ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. Produção científica e produção/reprodução capitalista no atual contexto latino-americano. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. 55, p. 14-33, mar. 2014. Disponível em: <<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/>>. Acesso em: 16 jul. 2014.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. São Paulo: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 617p.

LEVÍ, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993. 206 p.

LOCATEL, Celso Donizete. AZEVEDO, Francisco Fransualdo de. Espaço, Tecnologia e Globalização. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2011. Cap. 6, 7, 8.

Sociedade, Educação e Tecnologias II

Tecnologias digitais e as novas configurações do processo de ensino e aprendizagem na educação escolar. Competências, habilidades e uso das Tecnologias Digitais para o aprimoramento da prática docente. Mediação digital e informacional. Cultura digital e escola.

Bibliografia Básica

BARBA, Carme; CAPELLA, Sebastià. Computadores em sala de aula: métodos e uso. Porto Alegre: Penso, 2012.

Maia, Ari Fernando; Zuin, Antônio Álvaro Soares; Lastória; Luiz Antônio Calmon Nabuco (org.). Teoria Crítica da Cultura Digital: Aspectos educacionais e psicológicos. São Paulo: Nankin Editora, 2015.

Moran, José M.; Masetto, Marcos T.; Behrens, Marilda A. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. 21ª Ed. São Paulo: Papirus, 2013.

Bibliografia Complementar

FEITOSA, Sammya Tajra. Informática na educação: professor na atualidade. São Paulo: Érica, 2011.

PAIS, Luiz Carlos. Apresentação. In: _____. Educação escolar e as tecnologias da informática. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PALFREY, J.; GASSER, U. Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SHARIFF, S. Cyberbullying: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família. Porto Alegre: Artmed, 2011.

VALLE, Luiza E. L. Ribeiro do; Mattos, Maria J. V. Marinho de; Costa, José Wilson da. Educação Digital: a Tecnologia a favor da Inclusão. Porto Alegre: Penso, 2013.

Sociologia da Educação

O desenvolvimento do campo científico da sociologia. A contribuição dos autores clássicos para a interpretação da sociedade: Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. Neoliberalismo e Globalização. A Sociologia da Educação: teorias clássicas e teorias críticas.

Bibliografia Básica

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. Aprendendo a pensar com a sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DAYRELL, Juarez. Múltiplos olhares sobre Educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. Um toque de clássicos. Belo Horizonte: UFMG, 2002

Bibliografia Complementar

ALTHUSSER, Louis. Sobre a reprodução. Petrópolis, Vozes, 1995

BOURDIEU, Pierre. "Condição de classe e posição de classe". In: AGUIAR, Neuma. Hierarquia em classes. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. p. 51-76.

CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. A Sociedade em Rede. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

SÁNCHEZ, Antonio Hernández. Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: Thex Editora, 2001

TURA, Maria de Lourdes Rangel (org.); Sociologia para educadores. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

Sociologia das Práticas Corporais

Análise sociológica e antropológica do esporte moderno. Introdução à sociologia do lazer. As relações entre o fenômeno esportivo e sociedade contemporânea: mídia, violência, poder e mercado. A mulher nas práticas corporais. Limites e possibilidades para o ensino do esporte na escola. Políticas públicas de esporte no Brasil. Jogos indígenas no Brasil. Introdução aos estudos sociológicos do futebol.

Bibliografia Básica

GOELLNER, Silvana Vilodre. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí, 2003. 152 p. (Coleção Educação Física).

FILHO, L.C (Org.). Gestão Pública e Política de Lazer: A Formação de Agentes Sociais. São Paulo: Autores Associados, 2007.

SOARES, Carmem Lúcia (org.). Corpo e História. São Paulo. Autores Associados, 2001.

Bibliografia Complementar

KUNZ, Elenor. Transformação Didático-Pedagógica do Esporte. Ijuí: Unijuí, 1994.

MELO, V. A.; DRUMOND, M. Espore e Cinema: novos olhares. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil: a História que não se conta. Campinas: Papirus, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In:_____. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.136-163.

BRACHT, Valter. Sociologia critica do esporte. Vitoria: UFES, 1997.

Treinamento Esportivo

Descrição e análise das capacidades físicas com relação ao rendimento esportivo em todos os níveis de atuação. Aborda os princípios do treinamento e os processos básicos da adaptação biológica. Introdução aos métodos do treinamento.

Bibliografia Básica

BOMPA, T. Periodização - Teoria e Metodologia do Treinamento – Editora Phorte. 5ª Ed. 2012.

MARTIN, D.; CARL, K.; LEHNERTZ, K. Manual de teoria do treinamento esportivo. São Paulo: Editora Phorte, 2008.

WEINECK, J. Treinamento ideal. São Paulo: Editora Manole, 1999.

Bibliografia Complementar

OLIVEIRA, P.R. Periodização contemporânea do treinamento desportivo. São Paulo: Phorte, 2007.

DE LA, A. F. Treinamento desportivo: carga, estrutura e planejamento. 2 ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GRANELL, J.C.; CERVERA, V. R. Teoria e planejamento do treinamento desportivo. Porto Alegre: Artmed, 2003

PLATONOV, V.N. Tratado geral de treinamento desportivo. São Paulo: Phorte, 2007.

MATVEEV, Lev. P. Treino desportivo: metodologia e planejamento. São Paulo: Phorte, 1997

Urgências e Emergências aplicadas à Educação Física

Emergência e urgência e prevenção de acidentes na atividade física. Lesões do sistema osteomioarticular. Manobras de socorro e transporte de feridos. Técnicas de salvamento na água. Emergências em diabetes e hipertensão.

Bibliografia Básica

DÂNGELO, J.G.; FATTINI, C.A. Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar. 3ª edição. São Paulo: Editora Atheneu, 2011.

FLEGEL, Melinda J. Primeiros socorros no esporte. 5ª ed., Editora Manole, São Paulo, 2015.

SANTOS, E.F. Manual de Primeiros Socorros da Educação Física. Ed.Galenus, 2014.

Bibliografia Complementar

SCOTT, Powers. K.; HOWLEY, E.T.. Fisiologia do Exercício: Teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho. São Paulo: Manole, 8ª Ed., 2014.

MCARDLE, W.; KATCH, F.I.; KATCH, V.L. Fisiologia do Exercício: Energia, Nutrição e Desempenho Humano. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 7ª Ed. 2011.

WILMORE. Jack.H.; COSTILL, David.L; KENNEY, W. Larry. Fisiologia do Esporte e do Exercício. São Paulo: Manole, 5ª Ed. 2013.

DÂNGELO, J. G. & FATTINI, C. A. Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar. 3ª edição. São Paulo: Atheneu, 2011.

GUYTON, A. C. & HALL, J. E. Tratado de Fisiologia médica. 10ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

4.8.1 Optativas

Antropologia da Criança

Apresentação do campo de pesquisa e metodologia da abordagem antropológica da criança. Noções sociais de infância. A criança e sua agência na produção de relações e sentidos sobre o mundo.

Bibliografia Básica

COHN, Clarice. “Concepções de infância e infâncias. Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil” In: *Civitas*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 221-244, maio-ago. 2013.

PIRES, Flávia. “Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica”. *Revista de Antropologia*. v. 50, n. 1., 2007.

TASSINARI, Antonella. “Concepções indígenas de infância no Brasil”. *Tellus*. Núcleo de Estudos e Pesquisas das populações Indígenas – NEPPI, Campo Grande: UCDB, ano 7, n. 13, 2007, 11-25.

Bibliografia Complementar

BEGNAMI, Patrícia. “As crianças como interlocutoras das pesquisas antropológicas”. In: *II Seminário de grupos de pesquisa sobre crianças e infâncias*. Rio de Janeiro, 2010.

COHN, Clarice. “Noções sociais de infância e desenvolvimento infantil”. In: *Cadernos de Campo*. Ano 10, vol.9,p.13-26, 2000.

COHN, Clarice. *Antropologia da Criança*. São Paulo: Jorge Zahar, 2005.

GREGORI, María Filomena. *Viração. Experiências de meninos de rua*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MALHEIROS MORAES, Marcos Vinicius. “A construção de uma infância em uma escola pública de educação infantil da cidade de São Paulo”. *Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo*, 2012.

Avaliação na Educação Física Escolar

Discussão acerca das influências politico-históricas que fundamentam as propostas pedagógicas para o ensino da Educação Física na atualidade. Abordagem do tema Avaliação na Educação Física Escolar, compreendendo a relação entre os processos avaliativos e as concepções de ensino que os fundamentam. Conhecimento e vivência dos instrumentos e métodos avaliativos da Educação Física no contexto escolar contemporâneo.

Bibliografia Básica

ESTEBAN, M. T.; DA SILVA, J. F.; HOFFMANN, J. Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo. Editora Mediação, 2003.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo:Cortez, 2011.

VEIGA, I. P. A. (org). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. 14ª edição. Papirus, 2002.

Bibliografia Complementar

DA SILVEIRA, G. C. F.; PINTO, J. F.. Educação física na perspectiva da cultura corporal: Uma proposta pedagógica. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 2001, 22.3.

DE OLIVEIRA, M. A. T.. Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 2004, 25.2.

LUCKESI, C. C. Planejamento e avaliação na escola: articulação e necessária determinação ideológica. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições, 1992, 14: 102-119.

SOARES, Amanda F. Os projetos de ensino e a Educação Física na Educação Infantil. Pensar a prática 5: 15-38, Jul./Jun. 2001-2002.

VAGO, T. M. Cultura escolar, cultivo de corpos: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). Educar em Revista, 2000, 16: 121-135.

Basquetebol

Estudo teórico-prático do basquetebol. Histórico e evolução. Regras oficiais, fundamentos técnicos e táticos. O basquete como prática cultural e suas implicações para o ensino na Educação Física escolar.

Bibliografia Básica

DAIUTO, M. Basquetebol: Metodologia do Ensino. São Paulo, Editora Hemus, 1991.

DE ROSE Jr, D., TRICOLI, V. (Orgs.). Basquetebol: Uma Visão Integrada Entre Ciência e Prática. Barueri, Editora Manole, 2005.

OLIVEIRA, V.; PAES, R.R. Ciência do Basquetebol: Pedagogia e Metodologia da Iniciação à Especialização. Londrina, Editora Midiograf, 2004.

Bibliografia Complementar

ATHAYDE, C. Regras oficiais da Liga Brasileira de Basquete de Rua: manual dos basqueteiros, 2008–2009. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça, CUFA, 2008.

Ensinando Basquetebol para jovens – American Sport Education Program – Manole, 2000.

LOTUFO, João. Basquete, novas regras e técnicas. São Paulo: Brasil, 189p.

GUERRINHA, Basquete: aprendendo a jogar. – Bauru: Idea Editora, 2001.

PINA, Leonardo. "O basquete numa perspectiva crítica da cultura corporal." (2006).

Docência em Educação Física : Histórias de vida, formação e experiência

Memória, Autobiografia e Relatos de formação. A Narrativa de si como prática de formação. Formação experiencial. Discussão sobre história de vida e escolha pela docência.

Bibliografia Básica

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Obras Escolhidas. Vol. I, Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993.

NÓVOA, António (Org.). Vidas de professores. Porto: Porto Editora, 1992.

SOUZA, Elizeu Clementino de. O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

Bibliografia Complementar

DAYRELL, Juarez. Múltiplos olhares sobre Educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

FARIA FILHO, Luciano Mendes (org). Pensadores Sociais e História da Educação. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. O aparecimento da Escola Moderna: uma história ilustrada. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

VEYNE, Paul. História da Vida Privada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

VIGARELLO, Georges et al (org.). História do Corpo. Petrópolis: Vozes, 2008

Ócio, Lazer e Tempo Livre

Abordagem epistemológica do ócio. Ócio como campo de conhecimento interdisciplinar. Ócio: processo histórico, conceito e dimensões. O fenômeno do ócio na contemporaneidade: Ócio humanista; Pedagogia do ócio; Ócio como desenvolvimento humano. Ócio em diferentes tempos sociais. Especificidades entre ócio e lazer.

Bibliografia Básica

BAPTISTA, Maria Manuel; VENTURA, Anne. Do Ócio. Debates no contexto da cultura contemporânea. Coimbra. Gráfico Editor. 2013.

FRANCILEUDO, Francisco Antônio; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Sentido do tempo, Sentido do ócio, Sentidos para o Viver. 1. ed. Coimbra - Portugal: Gráfico Editor, 2016.

MARTINS, José Clerton de Oliveira; BAPTISTA, Maria Manuel. O ócio nas culturas contemporâneas: Teorias e novas perspectivas em investigação. Coimbra. Gráfico Editor, 2013.

Bibliografia Complementar

CUENCA, Manuel Cabeza. Ocio Valioso. Bilbao: Universidad de Deusto, 2014.

CUENCA, Manuel Cabeza. Pedagogía del Ocio: modelos y propuestas. Bilbao: Universidad de Deusto, 2004.

BAPTISTA, Maria Manuel; VENTURA, Anne. Do Ócio. Debates no contexto da cultura contemporânea. Coimbra. Gráfico Editor. 2013.

PUIG, Josep Maria; TRILLA, Jaume. A pedagogia do ócio. 2ª edição. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.

SALIS, V. D. Ocio Criador, Trabalho e Saúde. São Paulo. Editora Claridade, 2004.

Fatores psicológicos e comportamentais que interferem na aquisição de habilidades motoras

Conhecimento sobre os fatores psicológicos e comportamentais que interferem na aquisição de habilidades motoras ao longo da vida. Analisar fenômenos por meio de abordagens aplicadas à tarefa e ao processo, bem como os aspectos psicológicos que contribuem para a produção do movimento. Aplicação dos conhecimentos oriundos da Aprendizagem Motora e Psicologia do Esporte.

Bibliografia Básica

CORRÊA, U. C. Pesquisa em comportamento motor: a intervenção profissional em perspectiva. São Paulo: Educação Física P, 2008 .

SCHMIDT, R. A.; WRISBERG, C. A. Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2001. 352 p.

TANI, G. Comportamento Motor: aprendizagem e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2005.

Bibliografia Complementar

BENDA, R. N. A aquisição de habilidades motoras na pré-escola através de um programa de percepção cinestésica. (Dissertação de mestrado) 1990.

MEINEL, K. Motricidade II: o desenvolvimento do ser humano. Rio de Janeiro: Ao Livro técnico, 1984.

NUNES, A.I.B.L.; SILVEIRA, R. N. Psicologia da aprendizagem: processos, teorias e contextos. Brasília: Liber Livro, 2009.

BRANDÃO, M. R. F. ; MACHADO, A. A. Coletânea Psicologia do Esporte e do Exercício. Volume 6 - Competências psicológicas no esporte infanto-juvenil. São Paulo: Editora Atheneu, 2011.

MORAES, L.C.C.A. Emoções no esporte e na atividade física. In: Maria Regina Ferreira Brandão e Afonso Antônio Machado. (Org.). Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício: Teoria e Aplicação. São Paulo: Editora Atheneu, 2007, v. 01, p. 71-99.

Futebol

Histórico, evolução, fundamentos técnicos e táticos da modalidade. O futebol como fenômeno social: violência, gênero e mídia. Procedimentos e estratégias metodológicas para o ensino do futebol.

Bibliografia Básica

JUNIOR, H.F. A Dança dos Deuses: futebol, sociedade e cultura. Editora Companhia das Letras, 2007.

MARIA, T.S. Futebol: Ciências Aplicadas ao Jogo e ao Treinamento. 1ª ed. Editora Phorte, 2013

FILHO, M. O Negro no Futebol Brasileiro, 5ª ed. Editora Mauad, 2013

Bibliografia Complementar

DAOLIO, J. Cultura: educação física e futebol. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

SILVA, S., DEBORTOLI, J. A., SILVA, T. F. (Org.) Futebol nas Gerais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. VIANA, A. R. Futebol Prático: preparação física, técnica e tática. Viçosa: UFV, 1990.

CARRANO, P.C.R (Org). Futebol: paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MATTA, R. D. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro, 1982.

WEINECK, J. Futebol total: o treinamento físico no futebol. Guarulhos: Phorte, 2000.

Futsal

Estudo teórico-prático do Futsal. Procedimentos pedagógicos para o seu ensino. Histórico e evolução. Regras oficiais, fundamentos técnicos e táticos. Treinamentos e organização de equipes.

Bibliografia Básica

ANDRADE JUNIOR, J.R. Futsal: Aquisição, Iniciação e Especialização. Curitiba, Juruá, 2007.

SANTANA, W.C. Futsal: Apontamentos Pedagógicos na Iniciação e na Especialização. Campinas, Autores Associados, 2004.

SAAD, M.A., COSTA, C.F. Futsal: Movimentações Defensivas e Ofensivas. Florianópolis, 2ªed. Editora Visual Books, 2005.

Bibliografia Complementar

BALZANO, O. N. Metodologia dos jogos condicionados para o futsal e Educação Física escolar. Porto Alegre: Fontoura, 2007.

BELLO JUNIOR, Nicolino. A ciência do esporte aplicada ao futsal. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

MUTTI, Daniel. Futsal: da iniciação ao alto nível. l'autor, 1999.

VOSER, Rogério da Cunha; GIUSTI, João Gilberto. O futsal e a escola: uma perspectiva pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTANA, W. C. As Regras do Futsal e Algumas Implicações Técnicas. 2008.

Handebol

Estudo da história e evolução do Handebol. Métodos de ensino dos fundamentos técnicos e análise dos elementos táticos. Planejamento do processo de ensino-aprendizagem-treinamento na Educação Física escolar, na competição e na promoção da qualidade de vida. Regras básicas e arbitragem.

Bibliografia Básica

EHRET Arno (et al). Manual de Handebol: treinamento de base para crianças e adolescentes. São Paulo: Phorte, 2002.

GRECO, Pablo Juan; ROMERO, Juan. Manual de Handebol – Da Iniciação ao Alto Nível. Editora Phorte. São Paulo, 2012.

SIMÕES, A. C. Handebol Defensivo: conceitos técnicos e táticos. São Paulo: Phorte, 2002.

Bibliografia Complementar

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Handebol: Regras Internacionais. Brasília: MEC, 1984.

BRASIL, PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Educação Física. Brasília: MEC, 1997.

GRECO, P. J. (Org). Iniciação Esportiva Universal: Da Aprendizagem Motora ao Treinamento Técnico. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SOARES, C. L. Metodologia do Ensino da Educação Física. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 2012.

TEIXEIRA, H. V. Educação Física e Desportos. São Paulo: Saraiva, 1995.

Medidas e Avaliações

Procedimentos para avaliação das principais qualidades físicas. Técnicas de avaliação antropométrica, biotipologia e somatologia.

Bibliografia Básica

ACSM. Manual ACSM Para Avaliação da Aptidão Física Relacionada à Saúde - Guanabara Koogan. 3ª Ed. 2011.

GUEDES, D; GUEDES, J.E.R.P. Manual Prático para Avaliação em Educação Física . Editora Manole. 1ª Ed, 2006.

THOMPSON, P. D.; RIEBE, D; PESCATELLO, L.S.; ARENA, R. Diretrizes do ACSM - Para Os Testes de Esforço e sua Prescrição. Guanabara Koogan - 9ªed. 2014.

Bibliografia Complementar

BERNE, R. M.; LEVY, M. N. & KOEPEN, B. M. Fisiologia. 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

DÂNGELO, J. G. & FATTINI, C. A. Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar. 2ª edição. São Paulo: Atheneu, 2001.

GUYTON, A. C. & HALL, J. E. Tratado de Fisiologia médica. 10ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

KOPF-MAIER, P; WOLF-HEIDEGGER, G. Atlas de Anatomia Humana. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

KATCH, Frank I.; KATCH, Victor L.; MCARDLE, William. Fisiologia do exercício: energia, nutrição e desempenho humano. 7 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2011.

Métodos de Pesquisa Qualitativa em Educação Física

Abordagens epistemológicas em pesquisas na educação. Métodos em pesquisa qualitativa: Análise crítica do discurso; Análise de conteúdo; Observação participante e não participante; Entrevista; Grupo focal. Representação social. Interpretação dos dados qualitativos.

Bibliografia Básica

CRESWELL, Jonh W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SILVERMAN, David. Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto. Introdução à pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Atlas Editora. 1987.

Bibliografia Complementar

BARBOUR, Rosaline. Grupos focais. Porto Alegre: Artmed, 2009. 216p.

BARBIER Rene. A pesquisa em ação. Editora: Liber Livro. 2004.

BARDIN, Laurence. Analise de Conteúdo. Edições 70. 2011.

FLICK, Uwe. Introdução à Pesquisa Qualitativa. 3ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. 7ª edição, Rio de Janeiro: Hucitec. 2011.

Métodos de Pesquisa Quantitativa em Educação Física

Apresentação e execução de conceitos sobre: delineamentos experimentais; levantamento de dados e tabulação. Introdução à estatística quantitativa: População e amostra; Estatística descritiva, medidas de tendência central, medidas de dispersão; noções de probabilidade. Estatística inferencial: variáveis numéricas e categóricas, poder estatístico e intervalos de confiança, comparação entre médias, variâncias e proporções, noções de correlação e regressão, noções de estatística multivariada; Cálculo amostral

Bibliografia Básica

TRIOLA, Mario F. Introdução à estatística. Editora LTC, 2005.

MOORE, D. S. (2005). A estatística básica e sua prática. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

SAMPAIO, Ivan. Estatística aplicada à experimentação animal. Editora UFMG, 4 ed. 1998.

Bibliografia Complementar

CRESPINO, A. A. Estatística fácil. 17ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2001. 224p.

CUNHA, S. E. Estatística descritiva: na psicologia e educação. Rio de Janeiro: Forense, [19--]. 243 p.

HOEL, P. G. Estatística elementar. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1980. 430 p.

POPPER, K. R. A lógica da pesquisa científica. 15ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2011. 567 p.

SOARES, J. F. Introdução à estatística médica. 2ª.Ed. Belo Horizonte:

VIEIRA, S. Introdução à bioestatística. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Campus, 2008. 196 p.

Psicologia do Esporte Aplicada ao Treinamento Esportivo

A Psicologia do Esporte como ciência aplicada ao Esporte de Rendimento. Análise de processos cognitivos, motivacionais, emocionais e sociais na área Esporte. Técnicas de treinamento mental aplicados durante a periodização esportiva. Avaliação.

Bibliografia Básica

COLL, C. P.J. & MARCHESI, A. (orgs.) Desenvolvimento Psicológico e Educação - vol 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SAMULSKI, D. M. Psicologia do Esporte: Manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia. 1. ed. São Paulo: Manole, 2002.

RUBIO, Kátia. Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção. Casa do Psicólogo, 2000.

Bibliografia Complementar

NOCE, F.; COSTA, V.T. Estresse Psicológico no Esporte. In: Ytalo Mota Soares. (Org.). Treinamento Esportivo. 1ed. Rio de Janeiro: Medbook, 2014, v. 1, p. 277-289.

SAMULSKI, D.M.; NOCE, F.; COSTA, V.T. Treinamento mental de atletas olímpicos e paraolímpicos. In: Dietmar Martin Samulski; Hans-Joachim Menzel; Luciano Sales Prado. (Org.). Treinamento Esportivo. 1ed. São Paulo: Manole, 2012, v. 5, p. 111-136.

MORAES, L.C.C.A. Emoções no esporte e na atividade física. In: Maria Regina Ferreira Brandão e Afonso Antônio Machado. (Org.). Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício: Teoria e Aplicação. São Paulo: Editora Atheneu, 2007, v. 01, p. 71-99.

SAMULSKI, D.; CHAGAS, M.; NITSCH, J.R. Stress. Belo Horizonte: Editora Health, 1996

WEINBERG, R.S.; GOULD, D. Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício. 2008.

Saberes Indígenas na Escola: Corpo Lúdico

Histórias e Culturas indígenas. Processos de produção e transmissão de conhecimentos indígenas. Diálogos entre saberes indígenas e escola no contexto indígena. Práticas educativas e propostas didático-pedagógicas de autoria indígena. Corporeidades indígenas.

Bibliografia Básica

ALVES, Vânia F.N. O corpo lúdico Maxakali: Segredos de um “programa de índio”. Belo Horizonte: FUMEC-FACE, C/ Arte, 2003.

LUZ, Iza Rodrigues da. GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira (Orgs.). Sociabilidade e ações coletivas: processos educativos em contextos escolares e não escolares. 1ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, v. 1.

VIEIRA, Carlos Magno Naglis (Org.). Criança indígena, diversidade cultural, educação e representações sociais. Brasília/DF: Editora LIBER, 2011.

Bibliografia Complementar

CARVALHO, Levindo Diniz. Infância, brincadeira e cultura. Dossiê: Educação Infantil, v. 27, n. 2, p. 37, 2009.

GOMES, Ana Maria Rabelo. Escolarização estranhamento e cultura. ANAIS do XV CONBRACE / II CONICE, Recife, 2007.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez; et al. Programa de Implantação das Escolas Indígenas de Minas Gerais: formação de professores e compromisso social com os povos indígenas. Anais do 8o Encontro de Extensão da UFMG. Belo Horizonte, outubro de 2005.

LOPES DA SILVA, Aracy (Org). A questão indígena na sala de aula. São paulo: Brasiliense, 1987.

TASSINARI, Antonella. “Concepções indígenas de infância no Brasil”. Tellus. Núcleo de Estudos e Pesquisas das populações Indígenas – NEPPI, Campo Grande: UCDB, ano 7, n. 13, 2007, 11-25.

Temas Contemporâneos em Educação

Estudo e aprofundamento de temas psicossociais, culturais, políticos e econômicos atuais e relevantes relacionados à educação que contribuam para a formação dos professores.

Bibliografia Básica

A bibliografia deverá ser definida de acordo com a temática a ser estudada, desde que esteja disponível na biblioteca da unidade acadêmica.

Bibliografia Complementar

A bibliografia deverá ser definida de acordo com a temática a ser estudada, desde que esteja disponível na biblioteca da unidade acadêmica.

Tópicos em Esporte Adaptado e Esporte Paralímpico

Histórico do Esporte Adaptado. Conceito e diferenças entre o Esporte Paralímpico e Esporte Adaptado. Classificação funcional do Esporte Paralímpico. A realidade nacional e internacional do Esporte Paraolímpico. Conhecimento técnico das modalidades Paralímpicas. Procedimentos. Estratégias metodológicas para ensino do Esporte Paralímpico e do Esporte adaptado nos âmbitos de atuação (escolar, esportivo e recreacional).

Bibliografia Básica

GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Orgs). Atividade Física Adaptada. Barueri-SP, Editora Manole, 2005.

SOUZA, P. A. O Esporte na Paraplegia e Tetraplegia. Rio de Janeiro, Guanabara-Koogan. 1994.

WNINICK, J. P. Educação Física e Esportes Adaptados. Barueri-SP, Editora Manole, 2004.

Bibliografia Complementar

GORGATTI, M.G.; COSTA, R. F. (Orgs). Atividade Física Adaptada. Barueri-SP, Editora Manole, 2005.

GORLA, J.I.; CAMPANA, M.B.; OLIVEIRA, L.Z. Teste e avaliação em esporte adaptado. São Paulo: Phorte, 2009.

MANTOAN, M. T. E.. A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema, São Paulo, Ed. SENAC, 1997

MELLO, M.T. Avaliação Clínica e da Aptidão Física dos Atletas Paraolímpicos Brasileiros: Conceitos, Métodos e Resultados. 01ed. Rio de Janeiro RJ: Atheneu, 2004. v. 01. 407p.

MELLO, M.T.; SILVA, A. Neuropatologias das diversas categorias da deficiência.. In: Eliana Lucia Ferreira. (Org.). Esportes e atividades físicas inclusivas. 1ed. Niteroi - RJ: Intertexto, 2009, v. 4, p. 15-57

Tópicos em Nutrição Esportiva

Estudo da nutrição como recurso ergogênico no esporte; ação dos macronutrientes dietéticos; micronutrientes como auxílios ergogênicos; ações nutricionais para a melhora de rendimento físico e reposição hidro-eletrolítica

Bibliografia Básica

BACURAU, R.F. Nutrição e Suplementação Esportiva. 6ª Ed. Editora Phorte, 2009.

MAHAN, L K; SCOTT-STUMP; RAYMOND, J. Krause Alimentos, Nutrição e Dietoterapia. Ed. Elsevier - 13ª ed, 2013.

MCARDLE, W.; KATCH, F.I.; KATCH, V.L. Fisiologia do Exercício: Energia, Nutrição e Desempenho Humano. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 7ª Ed. 2011-

Bibliografia Complementar

LEHNINGER, Albert L.; NELSON, David L.; COX, Michael M. Princípios de Bioquímica. 4ª Ed. São Paulo: Sarvier. 2007.

CLARK, Nancy. Nutrição Desportiva. 4ª Ed. São Paulo: Artmed. 2009.

KATCH, Frank I.; KATCH, Victor L.; MCARDLE, William. Fisiologia do exercício: energia, nutrição e desempenho humano. 7 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2011.

MAUGHAN, R.; GLESSON, M.; GREENHAFF, P.L. Bioquímica do exercício e treinamento. São Paulo: Manole. 2000.

TORTORA, Gerald J.; GRABOWSKI, Sandra Reynolds. Princípios de Anatomia e Fisiologia. 9ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

Tópicos em Saúde para Grupos Especiais

Entendimento das bases fisiológicas para a prevenção, tratamento e promoção da saúde em doenças crônicas e/ou populações especiais e sua relação com a atividade física.

Bibliografia Básica

THOMPSON, P. D.; RIEBE, D; PESCATELLO, L.S.; ARENA, R. Diretrizes do ACSM - Para Os Testes de Esforço e sua Prescrição - Guanabara Koogan - 9ªed. 2014.

MCARDLE, W.; KATCH, F.I.; KATCH, V.L. Fisiologia do Exercício: Energia, Nutrição e Desempenho Humano. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 7ª Ed. 2011

ACSM. Manual ACSM Para Avaliação da Aptidão Física Relacionada À Saúde - Guanabara Koogan. 3ª Ed. 2011.

Bibliografia Complementar

GUYTON, A. C. & HALL, J. E. Fisiologia humana e mecanismos das doenças. 6ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BERNE, R. M.; LEVY, M. N. & KOEPEN, B. M. Fisiologia. 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

GUYTON, A. C. & HALL, J. E. Fisiologia humana e mecanismos das doenças. 6ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

DÂNGELO, J. G. & FATTINI, C. A. Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar. 3ª edição. São Paulo: Atheneu, 2011.

GUYTON, A. C. & HALL, J. E. Tratado de Fisiologia médica. 10ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

Voleibol

Estudo da história e evolução do Voleibol. Métodos de ensino dos fundamentos técnicos, sistemas táticos e das habilidades motoras. Planejamento do processo de ensino-aprendizagem-treinamento na Educação Física escolar, na competição e na promoção de qualidade de vida para diferentes faixas etárias. Regras oficiais e arbitragem.

Bibliografia Básica

BIZZOCCHI, Carlos Cacá. O voleibol de alto nível: da iniciação à competição. 2. ed. Barueri: Manole, 2004.

BORSARI, José Roberto. Voleibol - Aprendizagem e Treinamento. Em todos os níveis um desafio constante 4ª Edição ampliada e revisada. São Paulo: EPU, 2010.

BOJIKIAN, João Crisóstomo Marcondes. Ensinando voleibol. 3. ed. São Paulo: Phorte Editora Ltda, 2005.

Bibliografia Complementar

ARAÚJO, J. B. Voleibol Moderbo: Sistema Defensivo. Rio de Janeiro: Grupo Palestra, 1994.

COSTA, A. D. Voleibol: Fundamentos e Aprimoramento Técnico. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

GRECO, P. J. (Org). Iniciação Esportiva Universal: Da Aprendizagem Motora ao Treinamento Técnico. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

GUILHERME, A. A Beira da Quadra: Técnica e Tática de Voleibol. Conhecimentos Úteis aos Dirigentes, Treinadores e Atletas. 4ª Edição. Belo Horizonte: Minas Tênis Clube, 2001.

LE MOS, A. Voleibol Escolar. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

5. Metodologia de ensino

A proposta pedagógica do curso em licenciatura em Educação Física parte de uma concepção humanista de educação. Portanto, concebe um protagonismo à relação aluno-professor quanto ao processo ensino-aprendizagem, procurando atribuir um significado e sentido na assimilação do conhecimento das distintas áreas do saber, em detrimento de uma mera reprodução de informações acumulada ao longo da história humana e de um cientificismo.

Não obstante, a adoção dessa proposta deve considerar as singularidades e o respeito às mesmas, incentivando uma formação humana pautada não em uma perspectiva de aprendizagem no formato linear; mas, em uma concepção de uma transformação pessoal e coletiva dinâmica, imbricada, interdisciplinarmente e transversalmente. Tal proposta baliza-se na compreensão de uma pluralidade e complexidade que envolve o desenvolvimento humano; portanto, não deve se restringir na adoção de métodos de ensino analíticos. Tendo em vista essa complexidade que envolve a essência formativa humana, essa, deveria buscar problematizar situações no processo ensino-aprendizagem que, desafie, questione e amplie a compreensão simbiótica do conhecimento acadêmico e de senso comum, respeitando, assim, tanto o saber e o fazer humano em sua integralidade.

Enfim, o processo ensino-aprendizagem não deve se restringir ao reproduzir acriticamente informações culturalmente acumuladas, mas, sobretudo, norteando-se na concepção do humano, mundo, sociedades e processos educativos, visando um dialogismo reflexivo, questionador e multidimensional, considerando o contexto social em constante processo de transformação; notadamente, considerando os princípios éticos que garantam o respeito à vida humana. Assim sendo, a metodologia de ensino adotada por este curso deve buscar ser:

- **Questionadora:** na medida em que apresenta as contradições básicas da vida com problemas que desafiam as pessoas nela envolvidas;

- **Integradora:** na medida em que possibilita às pessoas captarem o desafio e relacionarem com todas as dimensões da vida;
- **Crítica:** na medida em que oportuniza a busca das causas dos problemas existenciais, sociais e políticos.
- **Protagonista:** na medida em que, ao responderem os desafios, as pessoas sintam-se comprometidas no processo de transformação de sua realidade;
- **Dialógica:** na medida em que elas são chamadas a conhecer, a elaborar o seu conhecimento, quando se encontram em autêntica comunicação com outras pessoas;
- **Criativa:** na medida em que oferece a elas a possibilidade de construir seu saber, partilhando suas experiências, inventando e reinventando seu mundo, criando sua cultura e forjando seu destino como seres históricos;

Portanto, os diversos conteúdos de ensino abordados ao longo da formação discente serão tratados nas dimensões conceituais (teorias, informações, conceitos), procedimentais (saber fazer) e atitudinais (valores e atitudes), de modo a incentivá-los a vivenciar uma abordagem transversal dos conhecimentos, articulando os diferentes saberes pertinentes em cada disciplina, por meio de reflexões e das práticas específicas da Educação Física, contemplando a diversidade de espaços de formação e atuação docente. Para tanto, o docente segundo as especificidades do conteúdo a ser ministrado, bem como as singularidades dos discentes, poderá lançar mão de uma diversidade de procedimentos didáticos como: aulas expositivas, dialogadas, seminários, apresentação de trabalhos, atividades práticas, recursos áudio visuais, dentre outras estratégias, conforme a relação conteúdo-objetivo-métodos.

6. Avaliação de desempenho discente

A proposta avaliativa a ser desenvolvida neste curso tem como princípio superar a ideia do processo ensino-aprendizagem como mera mensuração de aquisição de informações, que se dá pela transmissão do docente, cabendo ao discente recebê-la. Assim, esse processo deve ser construído por ambos

atores, que se avaliam e auto avaliam continuamente, buscando uma complementariedade, focando a formação humana em sua integralidade.

Assim, essa forma de avaliação torna-se mais dinâmica, aberta e formativa, à medida que ela se transfere dos atores acadêmicos para as ações exercidas coletivamente, permitindo o seu constante aperfeiçoamento e tornando mais pertinentes aos objetivos propostos no Projeto Pedagógico do Curso. Notoriamente, é imprescindível informar aos discentes de maneira explícita, clara e coerente, a adoção dos critérios avaliativos escolhidos pelo docente. Tal postura pretende romper com as formas tradicionalmente acríticas de avaliação, tendo, sobretudo, a perspectiva da memorização, e não a contextualização das informações; ou seja, transformando-as em conhecimento pertinente ao cenário social em constante mudança.

Deve estar claro para os atores desse processo que a avaliação não se restringe ao desempenho discente, mas, igualmente, à intervenção docente e de suas escolhas didático-pedagógicas, sendo, portanto, sujeito desse processo. Portanto, não se avalia apenas o discente, mas, todo o processo ensino-aprendizagem, para que se tenham informações que subsidiem as tomadas de decisões quanto a possíveis alterações, manutenção e/ou aprimoramento das ações realizadas.

Tendo em vista o exposto, as normas que regem este curso se baseiam no Regimento Geral da UEMG, na Seção VI – Da Avaliação do Rendimento Escolar, que estabelece os seguintes princípios:

- A avaliação do rendimento escolar é feita em cada disciplina, em função do aproveitamento verificado em provas e trabalhos decorrentes das atividades exigidas do aluno;
- É assegurado ao estudante o direito de revisão de prova e trabalhos escritos, desde que requerida no prazo estipulado pela Unidade;
- A revisão de provas e trabalhos deverá ser feita, de preferência, na presença do aluno.
- É obrigatório o comparecimento do aluno às aulas e às demais atividades previstas no Regimento Geral da UEMG;

- O aluno que não tiver frequentado pelo menos setenta e cinco por cento das atividades escolares programadas estará automaticamente reprovado.
- A avaliação do rendimento em cada disciplina é feita por pontos cumulativos, em uma escala de zero (0) a cem (100).
- Nenhuma avaliação parcial do aproveitamento pode ter valor superior a quarenta (40) pontos.
- Apurados os resultados finais de cada disciplina, o rendimento escolar de cada aluno é convertido em conceitos:

A – Ótimo	90 a 100 pontos
B - Muito Bom	80 a 89 pontos
C – Bom	70 a 79 pontos
D – Regular	60 a 69 pontos
E – Fraco	40 a 59 pontos
F – Insuficiente	abaixo de 40 pontos ou infrequente

- É considerado aprovado o aluno que alcança o conceito D, no mínimo, e apresenta frequência satisfatória.

O discente terá direito à avaliação de segunda oportunidade, caso não tenha atingido 60 (sessenta), dos 100 (cem) pontos distribuídos para a disciplina no semestre, e não tenha sido reprovado por faltas, conforme as LDB 9394/96 art.12 inciso V. Caso o discente for reprovado, seja por rendimento, isto é, nota, e/ou por infrequência, terá que repetir a disciplina a posteriori.

Assim sendo, conforme a autonomia e sensibilidade docente pode-se utilizar dos diferentes tipos de avaliação – diagnóstica, formativa/somativa e final –, adotando distintos instrumentos avaliativos – autoavaliações, prova objetivas e/ou dissertativas, apresentação de trabalhos de forma individual e/ou coletiva, elaboração de portfólios, produção textual –, possibilitando contemplar as múltiplas inteligências dos discentes e de suas formas de assimilação dos saberes transmitidos. Esses procedimentos poderão ser adotados tanto pelas disciplinas presenciais, semipresenciais, quanto à distância, conforme a escolha docente.

Importante ressaltar a interdependência quanto à relação objetivo-conteúdo-avaliação, deva considerar a apropriação de conhecimentos, o

domínio de habilidades e competências e atitudes previstas em cada período da matriz curricular, isto é, atendendo a devida complexidade e aprofundamento dos conteúdos ministrados, considerando o processo ensino-aprendizagem ao longo do curso.

7. Atendimento ao estudante

Ciente de seu papel social, a UEMG reafirma seu compromisso com a pleno direito de acesso e permanência do estudante ao ensino superior, e, por meio das Pró-Reitorias de Ensino e de Extensão, planeja ações que visam à estruturação de uma política de assistência ao estudante.

Aprovado pelo Conselho Universitário – CONUN, Resolução N^o 201/2010, o NAE busca atender à Comunidade Estudantil, contribuindo para sua integração psicossocial, acadêmica e profissional. Além disso, desenvolve mecanismos que possibilitam a interlocução dos egressos com a Universidade.

O Núcleo de Atendimento ao Estudante (NAE) da Universidade possui programas e projetos que buscam apoiar os discentes e inseri-lo no ambiente universitário e profissional. Este Núcleo conta com profissionais para orientação e acompanhamento psicológico e social. Os alunos da Unidade de Ibirité têm a possibilidade de serem atendidos, individualmente ou em grupos, por estes profissionais, em dias e horários previamente agendados. O apoio aos discentes com necessidades especiais é realizado por meio da contratação de monitores para acompanhar e ajudá-los em suas atividades acadêmicas.

No ano de 2015, institucionalizou-se na Unidade o Núcleo de Apoio ao Estudante Intercambista (NAI), cuja função é divulgar informações relacionadas aos programas de intercâmbio e incentivar a participação dos discentes nestes programas.

Em fevereiro de 2016, todos os estudantes da UEMG, incluindo os da Unidade de Ibirité passaram a contar com seguro contra acidentes pessoais em caso de imprevistos na participação de aulas práticas, atividades de pesquisa, extensão, estágio e visitas técnicas.

Como forma de favorecer a permanência dos estudantes na Universidade e melhorar sua formação acadêmica, a Unidade busca incentivá-los a participar das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

O envolvimento dos docentes em editais de fomento à pesquisa estimula a participação dos estudantes em projetos científicos e tecnológicos. Os estudantes que atuam na iniciação científica são contemplados com bolsas e auxílios fornecidos pelos órgãos de fomento e, também com recursos da Universidade para participarem de eventos (seminários, congressos, encontros, palestras e outros) internos e externos.

Além de terem a oportunidade de serem bolsistas de projetos de extensão, os estudantes da Unidade podem concorrer a bolsas e auxílio financeiros oferecidos pelos Programas Institucionais de Apoio à Extensão da Universidade, alguns dos quais são coordenados por professores de Ibirité. Destaca-se também o empenho em instituir parcerias e convênios com instituições públicas e privadas para viabilizar oportunidades de estágios e monitorias aos estudantes do ISEAT.

Outra forma de atendimento ao estudante implantada na Unidade de Ibirité é a monitoria voluntária, que foi regulamentada pelos Colegiados de Cursos. A monitoria é uma atividade acadêmica que permite o desenvolvimento de competências básicas para o exercício da docência. O aluno monitor tem a oportunidade de aprofundar sua experiência como estudante, exercer apoio pedagógico aos colegas sobre questões apresentadas em sala, bem como auxiliar o professor da disciplina na elaboração e execução do plano de trabalho e de tarefas acadêmicas.

8. Núcleo docente estruturante

O Núcleo Docente Estruturante, segundo a Resolução nº01 de 17 de junho de 2010, aprovada pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior e referendada pela RESOLUÇÃO COEPE/UEMG nº 162/2016

constitui-se de um grupo de docentes, com atribuições acadêmicas de acompanhamento, atuante no processo de concepção, consolidação e contínua atualização do projeto pedagógico do curso. Os critérios de constituição do NDE devem minimamente contemplar os seguintes pontos:

- ser constituído por um mínimo de 5 professores pertencentes ao corpo docente do curso;
- ter pelo menos 60% de seus membros com titulação acadêmica obtida em programas de pós-graduação stricto sensu;
- ter todos os membros em regime de trabalho de tempo parcial ou integral, sendo pelo menos 20% em tempo integral;
- assegurar estratégia de renovação parcial dos integrantes do NDE de modo a assegurar continuidade no processo de acompanhamento do curso.

As atribuições do Núcleo Docente Estruturante são:

- contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso;
- zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;
- indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;
- zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação.

9. Colegiado de curso

Assim como previsto no Estatuto da UEMG, compete aos Colegiados de Curso a coordenação didática de cada curso de graduação. Tal órgão deve ser composto por:

- um (a) coordenador (a) e um subcoordenador (a);
- representantes dos Departamentos que participam do curso;
- representantes dos professores que atuam no curso;
- por representantes dos estudantes matriculados no curso.

As deliberações do Colegiado de Curso são feitas em reuniões ordinárias e/ou extraordinárias e as decisões são tomadas com base na maioria absoluta de seus membros. A esse órgão compete:

- orientar, coordenar e supervisionar as atividades do curso;
- elaborar o projeto pedagógico do curso e encaminhá-lo ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, ouvida a Pró-Reitoria de Graduação;
- fixar diretrizes dos programas das disciplinas e recomendar modificações aos Departamentos;
- elaborar a programação das atividades letivas, para apreciação dos Departamentos envolvidos;
- avaliar periodicamente a qualidade e a eficácia do curso e o aproveitamento dos alunos;
- recomendar ao Departamento a designação ou substituição de docentes;
- decidir as questões referentes à matrícula, reopção, dispensa de disciplina, transferência, obtenção de novo título, assim como as representações e os recursos sobre matéria didática;
- representar ao órgão competente no caso de infração disciplinar.

10. Infraestrutura

A UEMG/Ibirité funciona nas instalações da Fundação Helena Antipoff, ocupando quatro prédios.

Sala dos professores

A Unidade possui uma sala de professores localizada no prédio central, bem iluminada, ventilada e adequada para o número de docentes. A referida sala dispõe de três computadores com acesso a internet, micro-ondas, geladeira, escaninhos, cadeiras e mesas de reunião e escaninhos. A sala de professores que se situa no prédio do curso de Educação Física, possui dois computadores com acesso a internet, escaninhos, longarinas, cadeiras e mesa de reunião.

Coordenações de Cursos, gabinetes, chefias de Departamentos e Núcleos de estágio

O espaço das coordenações dos Colegiados de cursos é compartilhado entre os cursos de Ciências Biológicas, Letras, Matemática e Pedagogia. Está equipado com quatro computadores com acesso a internet e impressora ligada em rede. Além disso, possui armários e mesas individuais para cada coordenador, mesa de reunião e cadeiras.

A Unidade possui 4 (quatro) gabinetes de trabalho para Chefes de Departamentos, todos são equipados mesas de escritório e armários novos e modernos, bem como cadeiras giratórias, computadores ligados em rede a uma impressora. Possui também 3 (três) gabinetes de trabalho para professores em regime de tempo integral, compostos de mesas, armários, cadeiras e ventiladores.

A sala de pesquisa e extensão é ampla e confortável, e equipada com dois computadores com acesso a internet, impressora ligada em rede, mesa de reunião, armários, cadeiras almofadadas e cadeiras giratórias. Já o Núcleo de Estágio possui um computador com conexão à internet e ligado a uma impressora em rede e mobiliários (mesas, cadeiras giratórias e armários).

Salas de aula

As 28 (vinte e oito) salas de aula possuem quadro branco, ventiladores e telas de projeção. Apenas (3) delas já possuem data shows instalados, mas as demais já possuem à sua disposição este equipamento para serem instalados no segundo semestre de 2016.

Secretaria Acadêmica

A Secretaria Acadêmica possui ampla área física e conta com 4 computadores com acesso a internet e uma impressora multifuncional. O processo de registro acadêmico é informatizado e integrado ao Sistema de Secretarias da UEMG (Sistema AIX). Por meio deste Sistema, são gerados os

históricos escolares, declarações, relatórios, listas de presença e emitidos os documentos necessários à Secretaria. Conforme dados da Pró-reitoria de Ensino, disponibilizados no site da UEMG, a Unidade de Ibitaré registrou 1233 alunos matriculados no 1º semestre de 2016.

Complexo esportivo

A Fundação possui como instalações para atender ao curso de Educação Física um campo de futebol, quadras de vôlei, de peteca, uma piscina, um ginásio poliesportivo e um galpão de ginástica.

Sala Master

Esta sala que integra o Programa UAITEC é compartilhada entre a UEMG e a FHA para oferta de cursos de formação educacional e qualificação profissional, e também cursos de pós-graduação lato sensu que ainda serão criados pelo ISEAT, sendo composta pelos seguintes ambientes:

- Sala de vídeo conferência
- Sala de controle geral que centraliza os controles de videoconferência
- Estúdio de gravação
- Sala para produção de conteúdo

Auditório

Possui capacidade para 300 pessoas, é equipado com microfones sem fio, mesa de som com 12 canais, seis caixas de som, amplificador de 2500KW, microsystem, púlpito, mesa de conferência, tela de projeção e vários tipos de cabamentos necessários para áudio e vídeo.

Recursos disponíveis de Informática e Multimídia

A sala multimídia está equipada com kit multimídia (lousa digital, data show, sistema de som e computador) e também com 50 poltronas modernas e confortáveis, sendo duas delas especiais.

Setor de Audiovisual

O Setor de Audiovisual disponibiliza 11 data shows, três notebooks, 10 DVDs, 5 microsystems, 4 televisões, 13 caixas de som, 5 caixas acústicas e 4 caixas amplificadas, bem como 4 armários e mesas.

10.1 Biblioteca

A Biblioteca Acadêmica, com área de 253,16 m², encontra-se instalada em local salubre, iluminado e confortável. Possui ventiladores, janelas amplas com cortinas e rampa para facilitar o acesso de pessoas com necessidades especiais. Conta com quatro computadores para consulta aos estudantes e dois computadores para uso dos funcionários. Possui um acervo em um banco de dados que compreende o Sistema Integrado de Bibliotecas *Pergamun*, que foi implantado em 2015. Este Sistema permite a integração da biblioteca da Unidade com todas as bibliotecas do Sistema da UEMG.

A comunidade acadêmica já possui acesso a todas as bases do Portal de Periódicos da CAPES.

Possui acervo de 6914 títulos de livros que correspondem a 13124 exemplares para os cinco cursos.

Acervo do Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira - 2016		
Assunto geral	Nº Títulos	Nº Exemplares
Ciências biológicas	314	751
Matemática	296	930
Educação Física	333	829

Letras	1180	2005
Pedagogia	1604	3653
Núcleo comum	3187	4956
Total	6914	13124

A biblioteca possui também um total de 142 títulos de periódicos (revistas), somando 2424 exemplares. Não existem assinaturas de periódicos nas áreas específicas. O acervo é proveniente de doações de professores, alunos, instituições de ensino e comunidade, o que não configura, portanto, coleção ou sequência de exemplares. A indexação e catalogação dos periódicos estão previstas nas bases do Sistema *Pergamum* está prevista para o início de 2017. Horário de funcionamento: segunda a sexta-feira de 07 h às 22h.

Rede computacional

A rede computacional é composta por 112 equipamentos utilizados pelo setor administrativo, professores coordenadores, chefes de Departamentos, Direção e alunos. Sendo 13 (treze) para uso exclusivo dos servidores técnico administrativo e 77 utilizados pelos estudantes da Unidade. Os demais equipamentos são distribuídos entre Direção, Coordenações, Chefes de Departamentos e demais docentes.

10.2 Laboratórios

O ISEAT possui 3 (três) Laboratórios de Informática em locais de fácil acesso a toda comunidade, incluindo os portadores de necessidade especiais. O laboratório nº 66 possui 21 máquinas, e o laboratório nº 67, 17 equipamentos. Além disso, possuem ventiladores, Kit multimídia (lousa digital, data show, sistema de som e computador). O terceiro laboratório localizado no prédio do curso de Educação Física conta 36 computadores, ventiladores e

uma tela de projeção e tem disponível um projetor multimídia que será instalado no segundo semestre de 2016.

Todos os computadores estão interligados em rede e estão equipados com os seguintes softwares: Pacote Office 2010, Adobe Reader e/ou Foxit Reader, Microsoft Security Essentials. Os computadores dos laboratórios 66 e 67 possuem Softwares específicos do Curso de Matemática (GeoGebra 5, Maxima Primer, Poly Pro, Super Logo).

Em 2014, os laboratórios 66 e 67 tiveram sua rede de internet reformada para melhor funcionamento, utilização e segurança dos equipamentos informáticos. No ano de 2016, o acesso de alunos a ambientes tecnológicos equipados com recursos digitais melhorou significativamente com a estruturação de uma rede e construção do laboratório de informática do prédio do curso de Educação Física, iniciados em 2014.

Os equipamentos responsáveis pela conexão da rede computacional (roteador e switch) estão localizados na sala do Setor de Informática da Fundação Helena Antipoff.

O acesso à internet é feito via fibra ótica com conexão de alta velocidade de 80 MB com possibilidade de rede *wifi*. A Internet em toda rede é rastreada por um programa de firewall, que restringe alguns sites considerados inapropriados para o ambiente acadêmico. Dentre os softwares licenciados destacam-se: Sistema operacional Windows 7 Profissional e Softwares Matemáticos.

Referências bibliográficas

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, abr. 2002. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782002000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 jun. 2016.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Da nova redação ao Parecer CNE/CP21/2001, que estabelece carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. CNE/CP 028/2001.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo. Cortez, 1991.

MARQUES, Mário Osório. Pedagogia, a ciência do educador. Ijuí : Editora UNIJUÍ, 1990.

PÉREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, Antônio. Os professores e a sua formação. Lisboa: Nova Enciclopédia. 1996.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico. São Paulo: Libertad, 2005.

VEIGA, Ilma P. A. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma P. A. (Org.). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1996.



ANEXO I - TABELA DE DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA DA ATPA

Atividades	Comprovação	Carga horária atribuída	Atividades	Carga Horária Unidade	Carga Horária Total
Acadêmicas	Certificados	90	Monitorias	Conforme certificado	30
			Estágios extracurriculares		30
			Representação Estudantil		30
			Trabalhos voluntários		30
			Cursos presenciais e/ou online		30
Científicas	Certificados	60	Iniciação científica	Conforme certificado	30
			Participação/Organização em Eventos		30
			Apresentações	Oral (cada 2h)	20
				Pôster (cada 2h)	
			Publicações	Artigos em periódicos	20
Artigos em anais (cada 10)					
Resumos (cada 5)					
Socioculturais	Ingressos + fotos	60	Limite de 10 horas para cada modalidade de atividade	2 h cada	60

ANEXO II - MODELO DE ENTREGA DOS COMPROVANTES DA AACC

Nome: _____ Turno: _____

Nº Matrícula: _____

Marque na tabela o número de horas realizadas em cada modalidade de atividade

Atividades	Comprovação	Carga horária atribuída	Atividades	Carga Horária Unidade	Carga Horária Total
Acadêmicas	Certificados	90		Monitorias	30
				Estágios extracurriculares	30
				Representação Estudantil	30
				Trabalhos voluntários	30
				Cursos presenciais e/ou online	30
Científicas	Certificados	60	Iniciação científica		30
			Eventos	Participação	30
				Organização	
			Apresentações	Oral	20
				Pôster	
			Publicações	Artigos em periódicos	20
				Artigos em anais	
Resumos					
Culturais	Ingressos + fotos	60	Limite de 10 horas para cada modalidade de atividade	Teatro	60
				Cinema	
				Exposições	
				Museus	
				Festivais	
				Outros	

Afirmo se as

verdade

informações prestadas, bem como que recebi uma cópia de igual conteúdo desse relatório entregue.

Assinatura do aluno

Assinatura do responsável pelo recebimento

Local e data

ANEXO III

MODELO DE RELATÓRIO PARA ATIVIDADES CULTURAIS

Nome: _____ Turno: _____
Data visita: _____ Local do evento: _____
Carga horária: _____ Anexar foto e comprovante de participação (ingresso)

Redigir um texto dissertativo (máximo de x linhas) relacionando a experiência da atividade realizada com xxxxxx